

# CORREIO

DE GUIMARÃES



Gravuras - PAG.5

O 1ª jardim público do mundo foi português.pág.8



A Arte Rupestre foi feita sob efeito de alucinações? Pág.11



Saiba as ligações perigosas da família do Principe de Edimburgo ao partido Nazi. pág.10

## Onde é que você estava no 25 de Abril? Pág.4



O busto de Ferreira de castro nas Taipas – pág.14



Memorial ao Combatente das Caldas das Taipas

Editorial – Paulo Freitas do Amaral - Diretor



“Operação Marquês”. A velhice de Marquês de Pombal e Sócrates

Quando falamos em “Operação Marquês”, além de Sócrates, lembramo-nos imediatamente de uma personalidade histórica controversa por tudo aquilo que teve de bom como também teve de mau. O Marquês de Pombal.

Secretário Geral do Reino, também ao serviço de um José e também ele próprio José de nome (Sebastião José), Marquês de Pombal passou na sua velhice um período bastante negro da sua vida, tal como o outro José; Sócrates, devido à sua ação governativa, sendo este período pouco abordado nas salas de aula em Portugal. Marquês de Pombal viveu numa era de despotismo e absolutismo das casas reais da Europa que antecedeu à Revolução Francesa em 1789.

No final da sua vida, Marquês de Pombal foi acusado por ter enriquecido de forma ilícita e de se ter aproveitado das leis que fez para seu próprio benefício. A verdade é que acumulou muito bens durante o seu desempenho como Secretário Geral do Reino e no final do seu préstimo à nação possuía uma fortuna pessoal colossal, no entanto, embora mal visto na época após a morte de D. José I, a História poupou-o dessa fama.

Marquês de Pombal afrontou a nobreza e o clero conseguindo que estes deixassem de ter bastante privilégios, dando a mão a uma burguesia sustentada em negócios privados.

Ao reconstruir a baixa de Lisboa, tornou a administração pública sediada no terreiro do paço, vizinha dos edifícios da alta finança, havendo personalidades que giravam entre negócios e administração pública de forma completamente promiscua.

É curioso verificarmos que nos dias de hoje, algumas famílias e interesses da burguesia e da alta finança, que Marquês de Pombal instalou em edifícios atrás do Terreiro do Paço, ainda hoje se localizam nos bastidores deste antigo Terreiro do Paço, que mudou de nome por sua iniciativa para Praça do Comércio, precisamente pela junção dos homens dos negócios aos assuntos de Estado.

Os Espírito Santo, o Banco de Portugal, o Montepio etc..etc..estão nos dias de hoje localizados a poucos metros do Ministério das finanças e de outros ministérios igualmente importantes. A proximidade física manteve-se por mais de dois séculos.

A plataforma giratória de há mais de 250 anos continua impregnada na nossa sociedade. É engraçado constatar que a ascensão de uma burguesia endinheirada com influência no Estado, acontece em Portugal sem precisarmos de uma revolução francesa, onde por exemplo em França, a nobreza e o clero iam perdendo a sua influência por mobilização do povo.

Em Portugal com uma revolução silenciosa feita por Pombal, onde teve lugar a perseguição dos Jesuítas e a algumas famílias nobres como os Távoras, os homens que se ocupavam dos negócios com o resto do Imperio; armadores etc... subiam socialmente tornando-se paralelamente também eles investidores e proprietários na área do imobiliário de prédios levantados em terrenos que outrora tinham sido da igreja e da nobreza. Pombal dava “licença” para construir e recolhia os seus frutos, para si e para o Estado.

O Marquês de Pombal ou Conde de Oeiras (terra onde nos dias de hoje a construção imobiliária também é polémica) foi certamente um Homem com uma visão e capacidade política acima da média, tal como muitos governantes dos nossos dias mas os métodos que usou para atingir os seus objetivos pessoais e em prol do Estado foram muitas vezes duvidosos e alvo de críticas, tal como nos dias de hoje. Podemos dizer muitas vezes que um governante pragmático e com visão, não é necessariamente um governante honesto e de ética elevada. É certamente este um mal existente através dos tempos mas que deve levar um povo a estudar a sua História pois um povo que não sabe de onde veio também é um povo que não sabe para onde vai

## Quem é a futura Rainha da Dinamarca? Mary é o seu nome..

Em 2 de setembro de 2019 a Casa Real anunciou que ela havia recebido autorização da Rainha e do governo dinamarquês para atuar como Princesa Regente, com funções de Chefe de Estado em caso de necessidade. Esta autorização já tinha sido concedida há vários anos antes, também a seu marido e ao seu cunhado, o príncipe Joaquim, e à princesa Benedita, irmã da rainha.



Mary nasceu a 5 de fevereiro de 1972, em Hobart na Tasmânia, Austrália.

A princesa é a filha mais nova de John Dalglesh Donaldson (Porto Seton, Escócia, 05 de setembro de 1941), bacharel em Matemática pela Universidade de Edimburgo em 1963 com um doutoramento pela área de Matemática em 1967, o pai foi professor de Matemática Aplicada, chefe do departamento e reitor, tendo trabalhado e investigado na Nasa e nas Universidades de Houston, Montreal, Oxford, Instituto Coreano Avançado de Ciência e Tecnologia (Korean Advanced Institute of Science and Technology-KAIST), Aarhus e Copenhagen. A sua mãe, já falecida, era Henrietta Clark Donaldson (Porto Seton, Escócia, 12 de maio de 1942 - Tasmânia, 20 de novembro, 1997), e foi assistente executiva do vice-reitor da Universidade da Tasmânia falecendo de complicações relacionadas com uma cirurgia do coração. Henrietta e John casaram-se em Edimburgo, na Escócia, a 31 de Agosto de 1963 e emigraram para a Austrália em Novembro do mesmo ano. Viúvo, o professor John Donaldson casou-se novamente, em 5 de setembro de 2001, com Susan Moody (Oxford, Reino Unido, 18 jan 1940), uma escritora da Grã-Bretanha.

Maria tem três irmãos, Jane Alison Stephens, farmacêutico, nascido a 26 de dezembro de 1965, Patricia Anne Bailey, enfermeira, nascida a 16 de março de 1968, e John Stuart Donaldson, geólogo, nascido em 09 de julho de 1970.

Devido ao local de nascimento dos seus pais, Maria possuía dupla cidadania, a britânica e australiana. O nome de Maria ('Maria Isabel') é o mesmo nome de sua avó paterna.

Ingressou na escola em 1974, em Clear Lake City Elementary School, em Houston, Texas. Frequentou o ensino pré-escolar em Sandy Bay de 1975 a 1977. De 1978 até 1982, ela estudou na Escola Primária Waimea Heights. Prosseguiu os estudos na Taroon High School de 1983 a 1986, e depois continuou a estudar no Colégio Hobart Matriculation para os dois anos seguintes.

Maria revelou que se dedicou a atividades extra-curriculares na escola relacionadas à música e ao desporto. Estudou piano, tocou clarinete e evoluiu até tocar flauta, no Waimea Heights. No Taroon High School, Maria era capitã das meninas da equipa de hóquei, participava das equipas de natação e era muito envolvida com as atividades equestres, o que a levou a montar competitivamente na sua égua, "Diana". No Hobart Matriculation, atuou na equipa de basquete até terminar os seus estudos.

Segundo os seus colegas, frequentava aulas mais avançadas de ciência, matemática, língua inglesa e foi considerada boa aluna em todas as disciplinas, mas era notável, especialmente em matemática, ciências e desporto.

## Príncipe Filipe será desenterrado quando a Rainha morrer

Após a cerimónia do funeral, o príncipe Filipe foi enterrado no chão do Royal Vault, na Capela de St. George. Entretanto, conforme informações do The Telegraph, este não será o descanso final do marido da rainha. Ele deverá ser desenterrado futuramente e levado para um local na Capela Memorial do Rei George VI. Quando sua esposa morrer, será enterrada junto a George VI, o pai da monarca, bem como a rainha-mãe e a irmã Margaret. Por esse motivo, Filipe, como consorte real, deverá acompanhá-la.



## Elvis Presley a dar um autografo a Madonna



## Túmulos encontrados em Seia

Em Vodra no concelho de Seia foram encontrados dois túmulos iguais a este, abandonados.

Este túmulo já se encontra rachado visto que foi movido várias vezes de sitio com recurso por uma máquina.

Uma investigação a ser acompanhada pelo Correio da História.



## Dia Mundial da Língua Portuguesa - 5 de Maio (Artigo de Álvaro Nunes)

“A minha pátria é a língua portuguesa” (Bernardo Soares/ Fernando Pessoa)

5 de maio, é o Dia da Língua Portuguesa, criado pela Comunidade de Países de Língua Portuguesa a 20 de julho de 2009, em Cabo Verde e comemorado anualmente entre os países de língua oficial portuguesa.

Esta efeméride seria posteriormente, em Novembro de 2019, proclamada pela UNESCO como Dia Mundial da Língua Portuguesa. Ora, neste ano de 2021, em que a Câmara Municipal de Guimarães e a Universidade do Minho vão realizar um seminário comemorativo, impõe-se memoriar a efeméride, que além da oficialização da criação da Associação Luso-Brasileira de Apoio à Arte, num protocolo de permuta entre Guimarães e S- Paulo passa também por sessões presenciais no Centro Cultural Vila Flor e apresentações do Museu de Língua de S. Paulo e do Museu Virtual da UM.

De facto, a língua portuguesa é uma das mais importantes do mundo, provavelmente a quinta ou sexta mais falada no planeta, cujos utilizadores se estimam em cerca de 244 milhões de falantes. Por isso, com tanta gente a dar à língua, é normal que ande nas línguas do mundo! Ainda por cima, dizem as más-línguas, porque tem fama de ser uma língua namoradeira, como nos conta o escritor angolano Eduardo Agualusa: “a minha língua é uma mulata feliz, fértil e generosa, que namorou o tupi e com o ioruba, e ainda hoje se entrega alegremente ao quimbundo, ao quicongo, ou ao ronga, se deixando engravidar por todos esses idiomas”.

Curiosamente, uma língua que “foi ao mesmo tempo, embora em espaços diferentes, língua de emigrantes e língua de colonizador”, ora acompanhando a diáspora, ora o colonialismo. Porém, como disse Amílcar Cabral, um dos obreiros da independência das ex-colónias portuguesas: “uma das melhores coisas que os tugas nos deixaram”.

No entanto, não obstante namoros mais recentes, a língua portuguesa, tem marcas de muitos outros lábios de encontros e desencontros proto-históricos e ancestrais. Memórias que remontam aos fenícios, gregos e hebreus, e povos pré-latinos como os celtas e iberos, ou ainda a reminiscências das línguas bárbaras dos suevos e visigodos, substratos importantes aos quais mais tarde, entre os séculos VIII e XII, se acrescentaria o árabe.

Todavia, sua marca indelével e matriz genética é o latim vulgar, trazido pelas invasões romanas e que constitui o seu adstrato essencial. Uma língua cuja ovogénese e berço mais remoto recua ao chamado grupo linguístico indo-europeu, cuja ramificação teria dado 12 grupos de idiomas diferenciados, um dos quais o itálico, precursor do latim.

Todavia, o português terá pouco mais de 800 anos! Consta que a sua certidão de nascimento é o chamado “Testamento de D. Afonso II”, datado de 27 de junho de 1214, que terá sido o primeiro documento escrito na nossa língua. Obviamente, um português falado e escrito de maneira diferente, mas as línguas são assim mesmo, como as pessoas, têm a sua infância, (pré)adolescência e vida adulta. E se bem que não parem de se transformar sincronicamente e/ou diacronicamente, acompanham-nos no devir, sofrendo como as efémeras criaturas que nós somos, as angústias, pandemias e os constrangimentos dos tempos, que muitas vezes terminam na morte! Por isso, há línguas mortas ainda que imortalizadas, como o latim e outras quase completamente extintas como o comanche ou o aramaico, língua falada por Jesus Cristo; ou línguas completamente extintas, como são os casos do dácio, fenício, frígio, gaulês, gótico, hitita, o trácio, ou o vandálico (ainda que por vezes alguns vândalos atuais a ressuscitem vernaculamente!).

Porém, felizmente, a língua portuguesa continua bem viva e recomenda-se. Com efeito, graças à ação dos nossos antepassados, a língua portuguesa continua a ser “o lugar donde se vê o Mundo, em que se traçam os limites do nosso pensar e sentir” – como diz o escritor Vergílio Ferreira.

De facto, após a separação do galaico-português em duas línguas (o galelo e o português) e em especial graças à ação do rei D. Dinis, que ordenou que todos os documentos oficiais fossem escritos em português, a nossa língua cresceu com os poetas, os cronistas e os dramaturgos, entre ao quais Fernão Lopes e Gil Vicente, e solidificou-se com Camões, entre outros. Posteriormente, no século XVI mercê do Renascimento e a difusão do livro, devido à invenção da imprensa por Gutenberg, a língua estrutura-se e sistematiza-se, surgindo as primeiras gramáticas como a de Fernão Oliveira (1536) e de João de Barros (1539), bem como as cartilhas e os primeiros dicionários, pois como diria António José Barreiros, uma língua que é só falada anda à rédea solta!

Ademais, nesse século XVI e particularmente após os Descobrimentos, são importantes os cruzamentos com as línguas nativas, quer africanas e asiáticas quer americanas, em especial no âmbito do enriquecimento vocabular. Tal como, um pouco mais tarde, seriam relevantes algumas aportações estrangeiras, como os anglicanismos e galicísmos, estrangeirismos por vezes decorrentes do surgimento de novas realidades tecnológicas, científicas e sociais, como gabardina (francês), piza (italiano), ou hambúrguer (inglês). Palavras novas e neologismos que se integram na língua e que continuamente testemunham o dinamismo do idioma, cujos termos podem ser de ordem literária, remetendo para a expressividade e a criatividade linguística. São os casos de Eça de Queirós (lambisgonhice, pensabundo), Alexandre O’Neill (mosquitomania, olhos pestanítidos) ou Mia Couto (porradarias, arrumário), entre outros. Neologismos que podem também ter origem popular (pinoca, ramboia) e/ou que tendem, segundo Ernesto Guerra “a suscitar o cómico ou o pitoresco expressivo, que servem de veículo a matizes de percepção difíceis de traduzir nos termos existentes”.

Com efeito, graças aos falantes e gente da pena, como jornalistas, poetas e escritores, que atualizam e reinventam a língua, a palavra tem acompanhado o homem na sua peregrinação através da vida, desde o soarismo ao cavaquismo, do PREC à geringonça, com ou sem drones, Brexit ou Covid-19, enquanto que, em contrapartida, os arcaísmos caem asinha em desuso. como sói nos tempos “Da minha língua vê-se o mar”, disse Vergílio Ferreira sobre o português, lavrador e marinheiro, cuja língua expressa sinestésicamente os aromas da canela e maresia, bem como os novos ritmos como o samba das ondas, ou os novos sabores agridoces de outros continentes.

No fundo, uma língua que apesar da sua unidade se abre à diversidade geográfica, sociocultural e modalidades expressivas, aspetos que inclusive passam o falar vimaranense.

Bem, esperamos não ter de dobrar a língua! Diremos apenas, sem papas na língua, que é preciso ter cuidado com ela e dar-lhe devido uso, pois é pela língua que o ser se conhece e por vezes tudo começa, pois ela é a morada do ser ...

5 MAIO 2021  
DIA MUNDIAL  
DA LÍNGUA  
PORTUGUESA



## O 25 de Abril em Guimarães

Três manifestações marcaram a efusivamente a aclamação do 25 de Abril em Guimarães, após as primeiras informações via rádio e televisão que chegavam a casa dos portugueses.

De facto, “E depois do Adeus” de Paulo de Carvalho”, transmitido cerca das 23 horas pelos Emissores Associados e após a segunda senha emitida pela Rádio de Renascença através de “Grândola, vila Morena” de José Afonso, a cidade berço acordaria como as demais cidades, vilas e aldeias portuguesas com o comunicado do MFA, lido por Luís Filipe Rocha, pelas 7,30 horas da manhã, no dia 25 de Abril: “As Forças Armadas desencadearam, na madrugada de hoje, uma série de ações com vista à libertação do País do regime que há longo tempo o domina.

Ora, Guimarães acompanharia, como as demais terras deste país, o desenrolar dos acontecimentos de ouvidos colados à rádio e olhos presos à TV. Como tal, a primeira manifestação de apoio ao 25 de Abril, ocorreria apenas na manhã do dia 26 de Abril de 1974, por iniciativa dos estudantes do Liceu Nacional de Guimarães, que nessa manhã decidiram boicotar as aulas, contra a vontade do vice-reitor em exercício.

Uma manifestação espontânea que saía do Liceu e descia à Alameda, percorreria várias artérias citadinas e se dirigiria à Escola Secundária Francisco de Holanda, engrossando as suas fileiras ao longo do percurso com estudantes de outras escolas.

Sob o título “Manifestações de regozijo pela vitória das Forças Armadas”, o Notícias de Guimarães de 4 de Maio de 1974, descreve a ocorrência:

“Na sexta-feira passada, dia 26, nesta cidade, realizaram-se várias manifestações de regozijo pelo êxito do movimento militar.

Numa das manifestações da parte da manhã milhares de estudantes dos estabelecimentos de ensino aclamaram as Forças Armadas, dando vivas a Portugal e à liberdade, entoando em coro o hino nacional.” (...)

Porém, não é de todo de estranhar que haja sido uma manifestação estudantil a primeira a sair para a rua. Com efeito, nos anos antecedentes ao 25 de Abri, muitos eram os jovens amargurados que ansiavam por mudanças na educação e política juvenil, certamente influenciados pelos movimentos de Maio 68 em França e a Crise Académica de 1969, em Coimbra, a cujo leme esteve o vimaranense Alberto Martins, nascido a 25 de Abril. Por outro lado, não se pode sonegar o papel de algumas organizações juvenis, quer associativas quer religiosas e partidárias. Realmente, a cidade, irradiava uma certa pujança cultural por parte do seu Cineclub e Teatro de Ensaio Raul Brandão, bem como por parte do grupo de jovens ligados à Assembleia de Guimarães que abanariam um pouco a comunidade local com alguns colóquios e atividades culturais de canto e poesia, consideradas “proibitivas” para os padrões da época. Por outro lado, a estudantada conhecia bem as imposições da censura aos cartazes do Pinheiro e ao texto do Pregão no decurso das Nicolinas, e passara inclusive por uma récita liceal polémica em 1971, a última realizada no Teatro Jordão.

Lutas que a nível político contariam também com a ação relevante de Santos Simões, quer na reforma e democratização do ensino, que a obra

“Engrenagens do Ensino” testemunha dogmaticamente “na defesa da educação geral humanista e de uma educação para a cidadania democrática.

No entanto, na tarde deste mesmo dia, pelas 19 horas, uma outra manifestação ocorreria, organizada pela Comissão Concelhia de Guimarães do Movimento Democrático do Distrito de Braga, que reuniria milhares de pessoas.



O mesmo jornal, acima citado, narra o evento:

“Ao fim da tarde e promovido pela Comissão Concelhia do Movimento Democrático do distrito, efectuou-se no Largo do Toural, uma manifestação, na qual tomaram parte milhares de titulares.

Da varanda do Hotel Toural discursaram o Dr. José Augusto da Silva e Santos Simões; e ainda o Sr. Eduardo Ribeiro, encontrando-se presente o capitão Machado Ferreira de Infantaria 8, que agradeceu as manifestações dirigidas às Forças Armadas”

A multidão aplaudiu os oradores e soltou novamente vivas a Portugal e à liberdade, entoando em coro o hino nacional”.

Efetivamente, o 25 de Abril deve-se a muitos resistentes que nas décadas anteriores lutaram contra a ditadura salazarista, entre os quais se destacam Emídio Guerreiro e Santos Simões, J. Casimiro Ribeiro, na altura preso em Caxias, e muitos outros vimaranenses como Hélder Rocha, Lurdes Mesquita, bem como vários, outros cujos depoimentos constam da obra “25 – Guimarães, daqui houve resistência”, obra singular de recolha e organização de textos de César Machado sobre essas vivências, alguns dos quais frequentadores assíduos do Café Toural, conhecidos como o grupo do revirinho.

Todavia, nova manifestação eufórica em prol da Revolução dos Cravos ocorreria ainda no dia 29 de Abril, reportada pelo citado semanário:

“Na segunda-feira, ao fim da tarde a população vimaranense aglomerada nas ruas e praças da cidade vitoriou as Forças Armadas, durante a passagem de elementos do Regimento de Infantaria 8 que, vindos do Porto se dirigiam à sede do distrito.

Das varandas que se viam repletas de pessoas foram lançadas flores e nuvens de papelinhos com as cores nacionais. Na Praça do Toural saudou as Forças Armadas o Dr. António Mota Prego, agradecendo aquela calorosa manifestação o capitão Rui Guimarães, e Infantaria 8”

Com efeito, um comício em que usariam da palavra Eduardo Ribeiro, Santos Simões, José Augusto da Silva, o primeiro Presidente da Comissão Administrativa da câmara Municipal, pós-25 de Abril, e o capitão vimaranense Rui Guimarães, em nome dos militares.

Posteriormente, nos dias imediatos, surgem as primeiras controvérsias, como é o caso da transferência de poder na Câmara Municipal de Guimarães, parcialmente despoletado pelo telegrama assinado pelo Presidente da Câmara da altura, Bernardino Abreu:

“A Câmara Municipal de Guimarães na sua reunião após o vitorioso Movimento Militar do 25 de Abril apresenta a V. Ex<sup>a</sup>. e todos os membros da Junta de Salvação Nacional, os seus respeitosos cumprimentos e oferece a sua colaboração, para tudo o que for feito a bem de Portugal”.

Ora, a resposta não se faria esperar. Assim, na edição de 11 de Maio do Comércio de Guimarães, um expressivo texto de primeira página, intitulado “Fora com eles”, replicava:

“A Câmara Municipal de Guimarães em telegrama assinado pelo presidente Bernardino Abreu, ofereceram colaboração.

Pretendem “amarrar-se” como os náufregos ao rochedo ...

Fora com eles! ... Fora com eles! ...

Exige-o a população vimaranense na sua maioria esmagadora.”

Nesta mesma edição são ainda publicados dois comunicados da Comissão Concelhia de Guimarães do Movimento Democrático: um que “deliberou substituir o nome de duas artérias centrais da cidade, como símbolos de bastiões fascistas”, como aconteceria ao Largo 28 de Maio e atual Largo 25 de Abril e à Alameda Salazar, que passaria a denominar-se Alameda da Resistência ao Fascismo; outro em que se dá conta da eleição de uma Comissão Administrativa Provisória para gerir a Câmara Municipal de Guimarães “em virtude da vereação municipal e do seu presidente não oferecerem confiança na prossecução da nova política determinada pelo programa do MFA”

O mesmo comunicado adianta ainda que “do facto foi dado conhecimento ao atual Presidente da Câmara (...) pelo Dr. António Mota Prego, às 13 horas de hoje, dia 8 de Maio, eu lhe propôs tomasse a iniciativa de reunir toda a Câmara, a fim de se demitir (...)

A resposta do Presidente da Câmara foi que não se demitia.

Esta atitude, inexplicável, à luz da profunda renovação da vida nacional, só poderia ter uma resposta: diligenciar tenazmente pela demissão de toda a Câmara Municipal de Guimarães.”

Porém, de facto, a alteração do poder executivo camarário seria consumada, como expressa o Comércio de Guimarães na sua edição de 18 de Maio de 1974 (sábado):

“Conforme se esperava a Câmara Municipal de Guimarães foi exonerada. Na quarta-feira tomou posse no Governo Civil de Braga, uma Comissão Administrativa, que ficou constituída pelos senhores:

- Presidente, Dr. José Augusto da Silva, advogado;
- Emílio de Abreu Ribeiro, comerciante;
- António Ribeiro Martins, construtor civil;
- José Ferreira Lopes, empregado de escritório;
- Carlos Alberto Nave, bancário;
- Aristóteles do Nascimento, professor;
- José Faria Martins Bastos, comerciante.

A transmissão de poderes efectuou-se no mesmo dia na Câmara Municipal-em ato que causou o maior regozijo na população vimaranense.”

Iniciava-se a transferência de poder e o caminho de um novo desenvolvimento da cidade, que o Poder Local democrático haveria de construir.

Obviamente, uma caminhada com altos e baixos a longo destes últimos 47 anos em que seguramente muito foi feito, mas que muito está ainda para fazer ...

Autor do texto: ÁLVARO NUNES



## O 1 de Maio de 1974

Uma semana depois do 25 de abril, um povo ainda atordoado e feliz saiu em massa à rua para comemorar duas festas: a do 25 de abril, que tinha acabado com a ditadura, e a do Dia do Trabalhador, uma comemoração que o Estado Novo tinha banido. Mário Soares e Álvaro Cunhal estiveram pela primeira e única vez juntos numa manifestação e o povo saiu à rua com a alegria que não costumava ter. Esta frase quase perfeita para definir aquilo que foi a euforia demencial do primeiro 1º de maio comemorado em Portugal depois de 48 anos de ditadura, é quase toda plagiada de um verso de uma canção de José Cid – “No dia em que o rei fez anos” – cantada pelos Green Windows no festival RTP da Canção desse ano de 1974, que se realizou pouco tempo antes do 25 de abril, a 7 de março, dia do aniversário da RTP. José Cid que se atravessou neste festival com duas músicas – “A Rosa que te Dei”, interpretada por ele – acabaria derrotado pelo “E Depois do Adeus”, de Paulo de Carvalho, que serviria de senha para a revolução.

Mas José Cid, não tendo servido de senha, interpretou com antecedência o espírito do 1º de maio. O povo tinha saído à rua no 25 de abril, mas nem de perto com a expressão com que ocupou as ruas no primeiro 1º de maio que foi possível comemorar. As reportagens do arquivo da RTP mostram a dimensão da loucura que varreu Lisboa.

Não era o rei que fazia anos, mas era um rei morto, posto em forma de uma ditadura acabada e uma urgência de festa. “E veio a gente da gleba/Mais a gente que vivia do mar/Para enfeitar a cidade/E abrir-lhe as portas de par em par”. Não era ao rei, era a liberdade.

E o povo que saiu à rua com a alegria que não costumava ter trazia nas mãos cartazes, muitos cartazes. Uma semana depois do golpe de Estado que depôs a ditadura, o 1º de maio era a primeira grande manifestação depois de décadas em que o direito à “reunião” esteve proibido. Ao lado de cartazes sobre “o direito à greve” ou ao “salário mínimo nacional”, havia-os a pedir “o fim da guerra colonial”, “o direito de voto aos 18 anos”, o “julgamento público dos criminosos fascistas”. Havia saudações: “Bem-vindos os exilados.” Proclamações: “A poesia está na rua.” Alguma estava de certeza. “Não pague o aumento dos telefones”, “Julgamento público dos criminosos fascistas”, “Demos à PIDE-DGS férias no Vietname” [que ainda estava em guerra, que só acabaria um ano depois].

### Soares e Cunhal unidos

Foi o primeiro e último dia do Trabalhador que Mário Soares, secretário-geral do Partido Socialista e Álvaro Cunhal, secretário-geral do Partido Comunista, festejaram juntos, lado a lado na mesma tribuna. Não estavam vestidos para nenhuma festa, o casual chic ainda não tinha entrado no meios políticos, eram outros tempos e Soares e Cunhal desempenhavam papéis institucionais decisivos ao tempo. Vieram praticamente vestidos de igual: os dois de fato cinzento e gravata preta. Cunhal de camisa branca, o historicamente friorento Soares com um pullover escuro por baixo do casaco.

Soares discursa: “Camaradas, em 25 de abril as Forças Armadas destituíram o governo fascista e colonialista de Marcello Caetano. Mas foi hoje, foi aqui que nós destruimos o fascismo”. As massas gostaram de ouvir o secretário-geral do PS que tinha chegado a Lisboa, vindo do exílio em Paris, três dias antes. Cunhal, como se pode comprovar vendo as imagens da RTP, terá gostado menos de ouvir o futuro aqui-inimigo do que o povo. Ao lado de Soares, também de pé, Cunhal aplaude discretamente. Aquele é o momento de união pública, mas também de marcação discreta homem-a-homem. Mário Soares anuncia às massas, por outras palavras, que não quer que sejam os comunistas – os principais opositores organizados da ditadura – a tomar conta da revolução em marcha: “Essa vitória não é de ninguém, essa vitória é do povo português”.

Mas Soares não deixa de elogiar o PCP, arrancando ovações à população reunida no Estádio rebatizado 1º de maio, em Alvalade: “Saúdo-vos a todos. Mas vocês permitam-me que me volte para Álvaro Cunhal.” As palmas interrompem o discurso. “E saúde o partido que foi incontestavelmente o partido que teve mais vítimas no fascismo.” Ovação. “Nós, socialistas, que também nos honramos de ter as nossas vítimas, não nos envergonhamos de dizer, pelo contrário, proclamamo-lo. E é para essas vítimas, algumas das quais eu tive a honra de defender, que eu me volto saudando o Partido Comunista Português.” Nova ovação.

Naquele dia 1º de maio de 1974, Mário Soares pediu o julgamento de Américo Tomás, Presidente da República deposto e de Marcello Caetano, primeiro-ministro afastado no 25 de abril. “Esses são os responsáveis, esses têm de ser julgados.

Não por um tribunal plenário, que nós não somos desses. Têm de ser julgados por um tribunal comum e com todas as garantias de defesa. O fascismo foi vencido. Mas as bases sociais de suporte do fascismo continuam intactas.”

Soares defendeu que a tolerância e a generosidade deveriam prevalecer, diz não querer “represálias contra ninguém”, mas pede o julgamento dos antigos dirigentes. “Camaradas, é um escândalo que se peça a caça aos pides reles e que os Rapazotes e os Santos Juniores continuem em liberdade”.

O povo grita “assassino” e Soares continua: “É um escândalo que esse velho e sinistro almirante Tomás, é um escândalo, camaradas, que esse hipócrita Caetano estejam a gozar as suas férias na Madeira”. O povo continua a gritar “assassinos”.

Soares falou de improviso, Cunhal levou o discurso escrito. “Nestes dias deram-se passos gigantescos no sentido da democratização da vida nacional”, diz Cunhal, “mas o perigo da reação fascista, o perigo da contrarrevolução existe. Apesar de que ninguém mais do que nós, os comunistas, sofreu a repressão fascista, muitos com sangue, a liberdade e a vida, não nos anima o espírito de vingança.” Mas, adverte, “devem assegurar-se todas as medidas necessárias a que os fascistas não voltem ao poder.”

O secretário-geral dos comunistas faz um “apelo para um reforço da vigilância das massas populares em relação às atividades, às conspirações e às provocações daqueles que procuram na sombra reconduzir a nossa pátria à tirania”. Repete várias vezes a palavra “unidade” e anuncia que a vitória verdadeira só chegará com “a unidade e a rápida ampliação e reforço da classe operária, das massas populares, das forças democráticas”.

As massas populares presentes no Estádio do INATEL aplaudem fervorosamente Álvaro Cunhal. Soares, enquanto ouve o seu velho preceptor do Colégio Moderno, distrai-se, devolve os aplausos burocráticos que Cunhal lhe tinha proporcionado, mexe no casaco.

Nunca mais estarão juntos numa manifestação.

Artigo, jornal IO 25 de Abril em Guimarães



## O 1 de Maio de 1974 em Guimarães

Arquivo Municipal Alfredo Pimenta

Recordamos, pelo olhar do fotógrafo Simão Freitas (1934-2004), a alegria de milhares de vimaranenses que nesse dia saíram à rua a celebrar a liberdade recentemente conquistada.



A Manifestação promovida pelo Sindicato Têxtil de Guimarães, com sede em Guimarães, com a colaboração da Comissão Concelhia do Movimento Democrático do Distrito de Braga.



A concentração teve lugar junto ao Paços dos Duques de Bragança e daí partiu um cortejo cívico pelas ruas da cidade em direção ao Estádio Municipal.

Aí discursaram, entre outros, o Dr. Joaquim Santos Simões, o Dr. António Mota Prego e João Oliveira Ribeiro, presidente do Sindicato dos Operários da Indústria Têxtil.



Mais informação:

<https://www.amap.pt/p/dia-do-trabalhador>

#1demaio #diadotrabalhador #guimaraes #liberdade #abrilcomcantigasdomaio

## Os tesouros encontrados recentemente no País de Gales



O anel de ouro da imagem chama-se "Memento Mori", e é datado do período Tudor, ostentando uma caveira esmaltada.

Foram os detectores de metal no País de Gales que descobriram nove objetos de valor inestimável que datam dos períodos medieval e pós-medieval, incluindo um anel de ouro decorado com uma caveira de aparência assustadora feita de esmalte branco.

Depois de analisar as curiosidades, Graeme David Hughes, um arqueólogo da região central de Gales do Sul, no Reino Unido, declarou oficialmente que eram "tesouros", estes artefatos de metal que atendem a critérios arqueológicos específicos, de acordo com o sistema de Antiguidades do Reino Unido.

Ao todo, estes tesouros incluem três reservas de moedas de ouro e prata, anéis de ouro e prata e itens pessoais usados por membros da classe alta da sociedade do País de Gales do século IX ao século XVII DC, de acordo com um comunicado do Amgueddfa Cymru - National Museum Wales realizado em 29 de março de 2021.

O anel de crânio macabro chamou a atenção do detector de metais de David Balfour, que o encontrou na comunidade galesa de Carreghofa. O crânio de esmalte incrustado simboliza a morte, pois está rodeado pela frase "Memento Mori" que em latim quer dizer "lembra-te que vais (tens que) morrer". Uma análise da forma, estilo e escrita do anel indica que ele data entre o ano de 1550 e 1650.

"Este é um raro exemplo de um anel memento mori Tudor ou Stuart antigo, com uma proveniência clara de galês", disse Mark Redknap, vice-chefe de Coleções e Pesquisa do Amgueddfa Cymru - Museu Nacional do País de Gales, em comunicado. "O seu sentimento reflete a alta mortalidade do período, o motivo e a inscrição reconhecendo a brevidade e as vaidades da vida."

Em abril de 2019, detectores de metal Chris Perkins e Shawn Hendry já tinham descoberto um dos tesouros - três moedas de ouro medievais - na comunidade galesa de Llanwrtyd.

As moedas de ouro, conhecidas como "nobres", foram cunhadas entre 1327 e 1399, durante o reinado de Eduardo III e seu sucessor Ricardo II. Naquela época, as três moedas tinham um valor total de 20 xelins, o equivalente a 50 dias de salário ganho por um comerciante qualificado.

É provável que estas moedas tenham sido enterradas para custódia perto do final do século XIV e por alguma razão desconhecida nunca foram recuperadas.

Outro tesouro incluía cinco moedas de prata - quatro grumos (o nome de moedas agora extintas no valor de 4 pences) e uma moeda de "patard duplo" do Ducado da Borgonha na Europa continental.

Estas moedas, descobertas por Aled Roberts e Graham Wood na comunidade de Churchstoke em maio de 2019, foram enterradas durante o reinado de Henrique VIII por volta de 1530. O rosto do rei ainda adorna três das moedas, observaram os arqueólogos.

Também um tesouro de moedas de prata Tudor desenterrado em Churchstoke, Powys tinha quatro grãos e um patard duplo.

Outro tesouro ainda um fecho de gancho duplo de prata do início da Idade Média, provavelmente foi usado pelos anglo-saxões durante o século IX. Provavelmente tinha dois propósitos: prender a parte de cima de uma peça de roupa e servir como uma peça elegante de bijuteria, pois era decorada com padrões de animais.

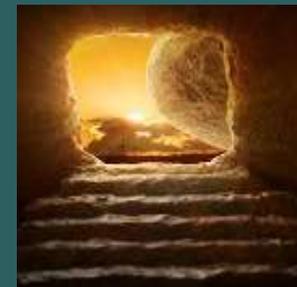
"Este objeto incomum é o primeiro prendedor de gancho duplo de 'estilo anglo-saxão' a ser identificado no País de Gales", disse Redknap. "Refletindo o status do proprietário original, ele fornece novas evidências para a exposição dos estilos anglo-saxões nos primeiros reinos galeses e do caldeirão de estilos e influências do qual a identidade galesa emergiu."

Enquanto isso, outro anel de ouro - conhecido como anel de flores e gravado com o lema "constante até o fim" - foi encontrado na cidade de Talgarth. Este anel é pós-medieval e data do final do século XVII ou início do século XVIII.

Esses artefatos recém-designados estão entre os 20 a 45 tesouros relatados no País de Gales a cada ano que passa.

Mais de 550 tesouros foram encontrados e analisados desde o início do programa de antiguidades portáteis no País de Gales em 1997.

Sabia que pode desejar aos seus amigos "Boa Páscoa" até ao Domingo posterior à páscoa?



A Pascoela é um termo muito antigo e que ocorre sete dias depois da Páscoa, correspondendo ao domingo seguinte ao domingo de Páscoa, também denominado Dia da Misericórdia de Deus, oitava da Páscoa ou Quasímodo. Estas duas últimas designações, embora ainda se usem, eram mais utilizadas antigamente, celebrando-se a oitava noutras liturgias importantes da Igreja, prática caída em desuso quando da reforma do calendário religioso após o Concílio do Vaticano II.

A Pascoela simboliza o prolongamento do próprio domingo de Páscoa, numa atitude festiva da Igreja e dos fiéis, podendo dizer-se que representa uma espécie de diminutivo da palavra Páscoa. Desta forma pode continuar a desejar "Boa Páscoa" aos seus amigos como se fazia antigamente durante esta semana até ao próximo Domingo.

Recorde-se que o baptismo dos primeiros Cristãos adultos ocorria durante a Vigília Pascal, ritual que continua a manter-se, sendo a quadra da Páscoa a preferida desde os primórdios da religião cristã para se efectuarem os baptizados dos catecúmenos.

Daí, chamar-se também ao domingo de Pascoela o domingo In Albis (domingo branco), devido ao facto dos catecúmenos utilizarem (como nos dias de hoje) vestimentas brancas no acto do baptismo, celebrado depois, festivamente, por toda a semana que decorria desde o domingo de Páscoa ao domingo de Pascoela.

Nos dias actuais, à semelhança de outrora, os baptizados continuam a realizar-se por toda a semana que medeia estes dois domingos, embora, por tempos idos, apenas nesta época do ano a Igreja procedesse à imposição do baptismo. Hoje já assim não é, mas continua a verificar-se a preferência da quadra pascal para se efectuar o baptismo, sobretudo das crianças. Na tradição popular, é durante a celebração da missa do Senhor no domingo de Pascoela – quando esta se realiza às três horas da tarde em ponto – que, «ao pedir-se uma graça, ela será atendida».

## Salazar, a única eleição democrática que ganhou na vida foi dada por Guimarães



4 de Setembro de 1933

Neste dia e no seguinte esteve na Penha guardando incógnito, o dr. Oliveira Salazar, presidente do ministério e ministro das finanças.

(João Lopes de Faria, Efemérides Vimaraneses, manuscrito da Biblioteca da Sociedade Martins Sarmento, vol. III, p. 229 v.)

No dia 4 de Setembro de 1933, correu em Guimarães o rumor de que o chefe do Governo e Ministro das Finanças, António de Oliveira Salazar iria visitar Guimarães. Segundo O Comércio de Guimarães do dia seguinte, apesar de haver quem o desse já na Penha, foi rebate falso. Não foi. Salazar esteve, efectivamente em Guimarães nos dias 4 e 5 de Setembro, como informaria o mesmo jornal no dia 8. A estadia rodeou-se de grande discricção. Soubese que almoçou na Penha e que visitou o Museu de Alberto Sampaio e o Paço dos Duques. Ficaram famosas as visitas de Salazar à Penha, local pelo qual parecia ter uma predilecção especial (esta era a terceira vez que visitava a montanha sobranceira da Guimarães e várias vezes lá voltaria). Desta vez, como noutras, chegou e partiu incógnito, sem que Guimarães desse por ele. Salazar também passou incógnito por Guimarães no Verão de 1921, quando foi eleito deputado pelo círculo deste concelho. Vale a pena lembrar essa história, até porque essas foi a única vez em que Salazar conseguiu ser eleito para um cargo político.

Marcadas as eleições legislativas para 10 de Julho daquele ano, em Junho começaram as movimentações para a indicação dos candidatos pelos diferentes partidos. Pelos monárquicos, cuja influência política estava a crescer em Guimarães, anuncia-se a candidatura de Alfredo Pimenta, que de republicano radical, proveniente da fileira anarquista, se passou para a causa monárquica. O jornal dos seus antigos correlegionários de Guimarães, A Velha Guarda, lamentaria que os monárquicos deste círculo não tivessem encontrada criatura mais idónea para os representar no parlamento do que o célebre Alfredo Pimenta, quando havia nas suas hostes homens mais dignos, mais nobre e competentes. E concluía: ou está tudo doido, ou a disputa das eleições pelos monárquicos neste círculo não passa duma comédia.

Os monárquicos de Guimarães não acusariam o toque, assumindo Alfredo Pimenta como o seu candidato que, em O Comércio de Guimarães de 28 de Junho, fez publicar um manifesto que dirigiu aos eleitores do círculo de Guimarães, em que se apresentava como um monárquico cada vez mais extremista que se candidatava em defesa das causas da Igreja e da Monarquia. E fazia questão de acentuar que, para ele, a causa da Monarquia era a Monarquia representada na pessoa de El-Rei o Senhor D. Manuel II. Alfredo Pimenta não chegaria a ir às urnas pelos monárquicos de Guimarães. No Comércio de Guimarães de 8 de Julho, afirmava-se que o Centro Católico com os seus pactos, obrigou os monárquicos vimaranenses a desistir de ir às urnas. E anunciava-se que Os monárquicos de Guimarães, unidos e disciplinados, resolveram não ir às urnas. É uma abstenção honrosa! Mostramos assim que nunca nos juntaremos com os inimigos da nossa religião.

Sabe-se que o rei deposto, D. Manuel II, terá movido influências para que os seus seguidores do círculo de Guimarães votassem no candidato do Centro Católico, o que levou à retirada de Alfredo pimenta (que seria candidato dos monárquicos por Santo Tirso, não tendo conseguido a eleição que em Guimarães aprecia certa). Entretanto, o Centro Católico acertou agulhas com os liberais, que resultou na inclusão do candidato católico na lista do partido governamental, o dos liberais. Perante esta situação, que os obrigaria a votar num candidato de fora, imposto pelas cúpulas partidárias, e não no vimaranense Alfredo Pimenta, os responsáveis monárquicos de Guimarães decidiram, como vimos, apelar à abstenção.

No entanto, muitos monárquicos manuelistas de Guimarães acabaram por votar nas eleições do dia 10 de Julho de 1921. Todavia, em sinal de protesto, muitos riscaram do boletim de voto o nome do candidato do Centro Católico que retirara o lugar a Alfredo Pimenta, escrevendo no seu lugar o de Mariano Felgueiras, que era candidato pelos Democráticos (Partido Republicano Português). Nessas eleições, que ficariam marcadas por suspeitas de irregularidades e chapeladas, o candidato proposto pelo Centro Católico seria eleito na lista dos liberais era um jovem lente da Universidade de Coimbra que já falhara a eleição para deputado nas eleições de 1919 pelo círculo de Viana do Castelo, completamente desconhecido em Guimarães, chamado António de Oliveira Salazar. Este deputado não ficará para a história enquanto representante dos eleitores do círculo de Guimarães. Não fez melhor figura do que a que faria o Colosso de Pedralva, caso tivesse sido ele o candidato eleito.

No dia 25 de Julho, na abertura da legislatura, o deputado Salazar marcou presença entre os 156 deputados eleitos, quatro dos quais representantes do círculo de Guimarães. Além dele, apenas tinha assento na Câmara dos Deputados um outro deputado do Centro Católico, José Maria Braga da Cruz, eleito pelo círculo de Braga (um terceiro eleito, por Portalegre, não viu o seu mandato confirmado). No final da sessão, terá dito para o seu correlegionário:

Ature-os por cá, que eu vou para férias. Em Outubro talvez fale.

Não falaria. Salazar não voltaria a pôr os pés em S. Bento na qualidade de deputado. O que não o impediu de ser eleito, em sessões sucessivas realizadas durante o mês de Agosto, para a Comissão do Orçamento, para a Comissão de Estatística e para a Comissão de Instrução Superior e de ser nomeado, pelo Presidente da Câmara dos Deputados, para a Comissão de Contas Públicas.

A legislatura em que Salazar foi deputado por Guimarães terminaria ao fim de quatro meses, com a dissolução do Parlamento no dia 6 de Novembro. Durante esse tempo, Salazar gozou um longo período de férias, teve uma crise existencial, andou deprimido, lutou contra a gripe e debateu-se com enxaquecas. Confidenciou a uma amiga o quanto lhe custava ser deputado: continua a magoar-me, a doer como um espinho que dia e noite tivesse cravado em mim

Decididamente, António de Oliveira Salazar não tinha queda para a democracia representativa...

Foi deputado por Guimarães, mas os vimaranenses nem deram por ele.

(Fonte: memórias de Araduca - blogue)



## O guarda redes do Sporting anti-fascista - Carlos Gomes

Genial e polémico são os dois adjectivos que mais vezes encontramos associados a Carlos Gomes, para muitos o melhor guarda-redes português de todos os tempos.

Oriundo do Barreirense onde se apaixonou pelo "ofício" a ver as defesas de Francisco Silva o suplente de João Azevedo na Selecção Nacional, foi contratado pelo Sporting quando tinha apenas 18 anos, demonstrando logo aí toda a sua irreverência, ao contestar o facto de lhe colocarem a transferência como um dado adquirido, exigindo mais dinheiro e acabando assim por receber 50 contos em vez dos 10 que lhe propunham.

Chegado ao Sporting foi suplente do grande João Azevedo durante um ano, mas aos 19 anos a camisola número 1 já era sua. Durante os oito anos que esteve no Clube conquistou 5 Campeonatos Nacionais e uma Taça de Portugal, tornando-se numa das principais figuras da equipa.

Chegou à Selecção Nacional em 1953, estreando no Jamor em jogo particular no qual Portugal derrotou a África do Sul por 3-1, sucedendo a Barrigana na baliza portuguesa, da qual passou a ser o dono apesar da concorrência de Costa Pereira, totalizando 18 internacionalizações que poderiam ter sido muitas mais se não tivesse saído do Sporting.



Homem polémico, rebelde, irreverente e contestatário à ditadura vigente na altura em Portugal, o que lhe custou alguns dissabores, acabou por sair do Sporting em 1958 quando tinha apenas 26 anos, na sequência de novas exigências financeiras que os dirigentes leoninos, alguns deles ligados ao regime e já fartos de o aturar, não satisfizeram.

Transferiu-se então para o Granada a troco de 300 contos e um jogo a disputar no Estádio José Alvalade, assinando na altura um documento onde se comprometia a só jogar no Sporting em caso de regresso a Portugal.

Um ano depois transferiu-se para o Oviedo numa altura em que se chegou mesmo a falar no interesse do Real Madrid, do Barcelona e até de clubes italianos.

O seu regresso a Alvalade esteve várias vezes em cima da mesa, principalmente depois do Sporting ter perdido um campeonato num jogo onde Octávio de Sá foi particularmente infeliz. Nessa altura chegou mesmo a vir a Lisboa e a disputar um jogo particular na baliza dos Leões, mas não houve acordo, nem com o Oviedo que exigia 1,2 milhões de pesetas para o libertar, nem com o jogador que terá pedido 100 contos por ano e uma festa de despedida e assim a transferência gorou-se. Pouco depois esteve para ir para o Salgueiros, mas suspeitando que o Benfica estaria por de trás da história, o Sporting fez prevalecer os seus direitos e assim Carlos Gomes ficou no Oviedo.

Em Junho de 1961 chegou a acordo com o Sporting para regressar a Alvalade, assinando um contrato válido por 3 temporadas, mas chegou com peso a mais e cometeu algumas infracções disciplinares, ao mesmo tempo que acusou o Clube de não cumprir a cláusula contratual que previa a realização de um jogo de homenagem cuja receita reverteria a seu favor.

Assim foi suspenso e acabou por ser cedido ao Atlético, mas depois voltou a emigrar quando se envolveu numa história rocambolesca, que meteu uma condenação por alegada violação, que refutou acusando os dirigentes do Sporting de lhe terem armado uma cilada, e uma fuga para Espanha e depois para Marrocos, onde adquiriu o estatuto de exilado político e ainda jogou e brilhou em Tânger, ao ponto de ser convidado por emissários do Rei a converter-se muçulmano e a mudar de nome e nacionalidade, o que não aceitou.

Actuava quase sempre de preto e um dia explicou porquê a um jornalista espanhol: «Visto-me de preto, pois enquanto o futebol português estiver nas mãos dos doutores, está de luto.»

Só em 1963 ficou livre do contrato com o Sporting, mas condenado a 11 anos de prisão, manteve-se pelo norte de África tornando-se treinador dois anos depois, passando também pela Argélia e pela Tunísia.

## Sabia que o primeiro jardim público do mundo é Português?

Em 1758, Marquês de Pombal com ajuda dos seus 3 engenheiros militares, Manuel da Maia, Carlos Mardel e Eugénio dos Santos planeia no seu projecto de reconstrução de Lisboa o primeiro espaço verde aberto ao público em geral. Até àquela data os jardins ou parques que existiam por todo o mundo estavam afectos a palácios de nobres, casas reais, ao clero, etc. não sendo desta forma de carácter público.

É então que em 1769 se dá a abertura do primeiro jardim público do mundo em Lisboa, cerca de 20 anos antes do jardim inglês em Munique (1789).

Marquês de Pombal impõe o conceito do que o que é publico impõe-se ao privado ganhando inimigos de peso em Portugal.

O primeiro jardim público do mundo tinha início na zona dos restauradores (4,5 hectares, com 90 metros de largura e 500m de comprimento) e o seu fim a metade da actual Avenida da Liberdade.

A partir de 1856, D.Fernando II (Rei Consorte português) começa a frequentar este jardim tornando-se este espaço verde o epicentro social da cidade.

O pioneiro conceito da utilidade pública de um jardim contemplado no projecto macro de reconstrução de Lisboa liderado por Marquês de Pombal deveria orgulhar todos os portugueses



## Tiara de D. Maria II vai a leilão dia 12 de Maio

Agendado para marcar o mês que assinala passagem dos 200 anos da morte de Napoleão I, imperador dos franceses em inícios do século XIX, um leilão de joias coloca a Christie's de Genebra no epicentro de muitas atenções. Ali serão vendidas, a 12 de maio, algumas peças que pertenceram a descendentes de Stephanie de Beauharnais, Grande Duquesa de Baden (1796-1860), sobrinha da imperatriz Josefina e adotada pelo próprio imperador em 1806. Entre a coleção surge depois uma peça que a estas se juntou mais tarde, mas com outra história.

Como conta a leiloeira, uma tiara chegou a este lote trazida pelo casamento, em 1861, de Leopold, neto de Stephanie e príncipe de Hohenzollern Sigmaringen, com a infanta D. Antónia de Portugal, uma das filhas de D. Maria II. Adornada com diamantes e safiras, pertenceu à rainha portuguesa e adquire um papel importante não apenas na narrativa sobre a propriedade das peças que este leilão ajuda a contar, mas também como motivo de interesse patrimonial para Portugal, mais ainda num ano que se prepara para assistir à inauguração do Museu do Tesouro Real, que ocupará uma ala do Palácio Nacional da Ajuda.

Fonte: Jornal Expresso



Na semana passada o leilão de um quadro de Van Gogh gerou a revolta dos seus proprietários



A pandemia mundial causada pelo novo coronavírus ocasionou uma série de mudanças de hábitos que separou as reuniões físicas, transformando-as em ligações virtuais — que nem sempre podem obter o mesmo resultado de uma conversa olho-a-olho.

Com uma luxuosa estrutura em Londres, a empresa sotheby de leilões teve de mudar as suas conhecidas atividades de lances para audições públicas de uma forma digital de realizar vendas das principais obras e achados do mundo. Com esta modalidade, passaram a trabalhar com a venda online, recebendo lances de todo o mundo, além de permitir, em leilões agendados, os lances por telefone.

No entanto, a administração dos estabelecimentos de oferta chamou atenção no último mês de março, quando uma obra do pintor holandês Vincent van Gogh se tornou uma peça de interesse e, por fim, de uma grande confusão.

A pintura 'Scène de rue à Montmartre' ('Cena de rua em Montmartre', em tradução livre) trazia não apenas a assinatura de uma das figuras mais notórias da história das artes, como contava também com uma promessa de encher os olhos e esvaziar carteiras; de acordo com a casa de leilões, o quadro não era visto pelo público há, pelo menos, 100 anos.

O período se deve ao último registo da sua exposição, tendo sido a administração da obra transferida para uma família que, por fim, teve o interesse de repassar o quadro para a filial de Paris da leiloeira. Um avaliador especializado, por sua vez, apontou que o valor deveria atingir cerca de 5 a 8 milhões de euros.

Datada pelo autor em 1887, a casa de leilão Sotheby's disponibilizou a venda no dia 25 de março de 2021, somente pelos meios digitais.

Contudo, ao longo daquela tarde, não apenas receberiam uma série de lances confusos como uma comprovação duvidosa, como o vencedor não seria o que ofereceu mais dinheiro.

Durante o tempo limite da realização, dois compradores — ambos por telefone — iniciaram uma calorosa disputa que dobrava o valor da avaliação inicial. Os contragolpes renderam a vitória um lance de 13 milhões de euros chegando a ser anunciado como vendido e tendo o martelo batido na sede parisiense.

Porém, os organizadores notaram depois que, no site disponibilizado para lances, uma oferta atingiu 14 milhões de euros, resultando no cancelamento da vitória pelo telefone. Porém, ao tentar fazer contato com o comprador da internet, descobriram que o cliente não tinha tal poder aquisitivo, como informou o "The Art Newspaper".

Ao invés de acatar a vitória anterior de 13 milhões, a leiloeira preferiu reabrir o leilão 30 minutos após o encerramento, sem aviso público. Via telefone, o lance mais alto obtido conseguiu arrematar o quadro por 11,25 milhões de euros, um valor menor do que vários lances anteriores.

Ainda de acordo com o The Art Newspaper, a família que cedeu a obra e que pagará uma comissão a Sotheby's não gostou do resultado.

Como receberam valores maiores, acreditam que a casa de leilões não agiu como previsto no contrato.

# As ligações perigosas da família do Príncipe de Edimburgo ao partido Nazi



O mundo parou ao ouvir a notícia da morte do príncipe Filipe, Duque de Edimburgo, na última sexta-feira, 9.

O marido da rainha Elizabeth II faleceu aos 99 anos, devido a problemas de saúde que apresentava desde o início deste ano.

Ao ser confirmado o falecimento pelo Palácio de Buckingham, diversos líderes mundiais começaram a homenagear e, inevitavelmente, a vida de Filipe foi lembrada.

Entre os seus feitos como membro da família real britânica e o seu legado para seus filhos, netos e bisnetos, alguns detalhes controversos também vieram à tona.

O nome de Filipe foi bastante mencionado na década de 1990, principalmente quando associado ao nome de Diana, a falecida Princesa de Gales. Entretanto, as polémicas do Duque de Edimburgo são ainda mais antigas e envolvem grande parte de sua família.

Nos últimos dias, uma questão voltou a ser debatida entre os críticos do príncipe e defensores da monarquia. Sabe-se que suas irmãs eram casadas com membros do partido nazista, em plena Segunda Guerra.

Uma família de nazistas

Em 20 de novembro de 1947, ao se casar com Elizabeth, Filipe contou com parte de sua família presente na cerimônia real, com exceção de suas irmãs. A ausência chamou atenção do mundo inteiro e a causa por trás disso chocou as pessoas.

A irmã de Filipe, Sophie, era casada com Christoph de Hesse, diretor do Ministério das Forças Aéreas do Terceiro Reich. Os outros cunhados do príncipe não ocupavam cargos de tamanha importância como de Hesse, mas faziam parte de círculos aristocráticos alemães e eram membros do partido de Hitler.

Ainda assim, o Duque de Edimburgo lutou pelos Aliados na guerra e concordou em evitar a presença dos familiares no casamento — ainda que a o conflito tivesse terminado — para não interferir na reputação que a família real cuidadosamente tentava manter. Os esforços foram muitos, mas a fama da família nazista também caiu para cima do príncipe.

Uma das evidências polémicas da sua família que, supostamente, comprovariam a ideologia da família de Filipe seria uma foto em que ele está na presença de diversos nazistas. No entanto, a imagem remonta a 1937, no funeral de sua irmã Cecile que havia morrido numa queda de avião.

Mesmo passado anos da sua adolescência na Alemanha, apenas as suas irmãs eram declaradamente nazistas. Cecile chegou, até mesmo, a batizar seu filho como Karl Adolf, uma clara referência ao Führer. No entanto Filipe era um nome notável apoiador das causas judaicas, conforme enfatiza a agência internacional de notícias Jewish Telegraphic Agency.

O marido de Elizabeth compareceu a inúmeros eventos para homenagear as vítimas dos terrores nazistas, chegando a dizer num discurso que “o Holocausto foi o evento mais terrível de toda a história judaica e permanecerá na memória de todas as gerações futuras”.

No ano de 1994, o príncipe foi o primeiro membro britânico a visitar Israel. Na época, o duque fora receber uma homenagem póstuma à sua mãe, Alice de Battenberg, reconhecida mundialmente por sua contribuição para salvar vidas judias durante a guerra.

Desde então, a reputação da família de nazista de Filipe estava resolvida, afinal, não existem provas de que ele tivesse ligação com o partido de Hitler.

A nova descoberta em que os indígenas sul-americanos compartilham DNA com os indígenas da Austrália

O povo Xavante foi incluído num novo estudo sobre a conexão genética entre os povos da América do Sul e da Oceânia.

Durante a última era glacial, quando caçadores e coletores cruzaram a antiga ponte Bering Land que conectava a Ásia com a América do Norte, eles carregavam algo especial em seu código genético: pedaços de DNA ancestral australiano, descobriu um novo estudo.

Ao longo de gerações, essas pessoas e seus descendentes caminharam em direção ao sul, e fizeram o seu caminho para a América do Sul.

Mesmo agora, mais de 15 mil anos depois dessas pessoas cruzaram a ponte da terra de Bering, seus descendentes - que ainda carregam assinaturas genéticas australianas ancestrais - podem ser encontrados em partes da costa do Pacífico sul-americana e na Amazônia, descobriram os investigadores.

"Grande parte dessa história infelizmente foi apagada pelo processo de colonização, mas a genética é uma aliada para desvendar histórias e populações não registradas".

O estudo levado a cabo pela investigadora e professora Tábata Hünemeier e o co-investigador doutorando Marcos Araújo Castro e Silva, ambos dos estão no Departamento de Genética e Biologia Evolutiva da Universidade de São Paulo no Brasil.

A nova pesquisa baseia-se num trabalho anterior, publicado pela primeira vez em 2015 e que mostrou que os povos indígenas antigos e modernos na Amazônia compartilhavam assinaturas genéticas específicas - conhecidas como Ypikuéra, ou sinal Y - com grupos indígenas modernos no sul da Ásia, Austrália e Melanésia, um grupo de ilhas da Oceânia.

Essa conexão genética apanhou muitos cientistas desprevenidos e continua a ser "um dos eventos mais intrigantes e mal compreendidos da história humana", escreveram os investigadores.



## Os tinteiros usados pelos vereadores de Guimarães em 1726



Em 1726 são referenciados por um monográfico, dois tinteiros "muito grandes de prata lavrada", que se conservam na Casa da Câmara. Os tinteiros e poeiras que se podem ver nas fotografias estão expostos no Museu Alberto Sampaio.

O mesmo autor afirma que neste imóvel se encontravam as medidas antigas "a que vem aferir os da Comarca". Muitos outros bens são também referidos, ex.cadeiras de veludo, estandarte etc...

Fonte: História da Arquitetura, perspectivas temáticas - coord. Manuel Joaquim Moreira da Rocha

## Os Homens da idade da pedra podem ter se aventurado deliberadamente em cavernas sem oxigênio para pintar enquanto tinham experiências e alucinações.



No século XIX, os investigadores descobriram uma série de cavernas decoradas que datam entre 40.000 e 14.000 anos - do Paleolítico Superior ao final da Idade da Pedra - em toda a Europa Ocidental.

As cavernas, encontradas principalmente na Espanha e na França, estavam repletas de pinturas murais, muitas delas em áreas que só podiam ser acessíveis por passagens estreitas.

As representações foram pintadas em preto e vermelho e mostravam principalmente animais com alguns estênceis, impressões de mãos e sinais abstratos geométricos.

Mas por que as pessoas teriam o trabalho de andar por passagens estreitas de cavernas para fazer arte? Para responder a essa pergunta, um grupo de investigadores da Universidade de Tel Aviv concentrou-se numa característica dessas cavernas profundas e estreitas, especialmente aquelas que requerem luz artificial: baixos níveis de oxigênio.

Os investigadores executaram simulações de computador de cavernas modelo com diferentes comprimentos de passagem que levam a áreas de "hall" ligeiramente maiores onde pinturas podem ser encontradas e analisaram as mudanças nas concentrações de oxigênio simulando se uma pessoa ficasse em diferentes partes da caverna com uma tocha a ser queimada. O fogo, como o das tochas, é um dos vários fatores que esgota o oxigênio dentro das cavernas.

Os investigadores descobriram que a concentração de oxigênio dependia da altura das passagens, com as passagens mais curtas tendo menos oxigênio. Na maioria das simulações, as concentrações de oxigênio caíram do nível da atmosfera natural de 21% para 18% depois de ficar dentro das cavernas por apenas cerca de 15 minutos.

Estes baixos níveis de oxigênio podem induzir hipóxia no corpo, uma condição que pode causar dor de cabeça, falta de ar, confusão e inquietação; mas a hipóxia também aumenta o hormônio dopamina no cérebro, que às vezes pode levar a alucinações e experiências fora do corpo, de acordo com o estudo. Para cavernas com tectos baixos ou salões pequenos, a concentração de oxigênio caiu para 11%, o que causaria sintomas mais graves de hipóxia.

Os investigadores levantaram a hipótese de que os povos antigos se arrastaram para estes espaços profundos e escuros para induzir estados alterados de consciência.

"A hipóxia pode muito bem ser uma explicação plausível para muitos dos locais de representação, que estão longe da boca da caverna e exigem a passagem por passagens baixas e estreitas", escreveram os autores. "Afirmamos que entrar nessas cavernas profundas e escuras foi uma escolha consciente, motivada pela compreensão da natureza transformadora de um espaço subterrâneo sem oxigênio."

As cavernas tiveram um significado especial para essas civilizações antigas.

Elas eram vistas como "portais que se conectam ao submundo", disse o autor principal Yafit Kedar, doutorando no Departamento de Arqueologia e Culturas do Oriente Próximo da Universidade de Tel Aviv.

As descobertas sugerem que os povos antigos buscaram estados alterados de consciência e criaram representações de cavernas como "uma forma de manter sua conexão com as entidades" do submundo.

Algumas partes das cavernas eram mais ventiladas e também continham essas representações. No entanto, estados alterados de consciência "poderiam ser alcançados nesses contextos por meio de outras agências que não a hipóxia", escreveram os autores. Além do mais, os autores apenas simularam o efeito que as tochas têm sobre o oxigênio nas cavernas, mas outros parâmetros, como a respiração humana ou reações químicas naturais que ocorrem nas cavernas, podem diminuir ainda mais a concentração de oxigênio.

Os investigadores agora esperam analisar quantas pessoas podem estar juntas ao mesmo tempo nessas cavernas com quantidades limitadas de oxigênio e por quanto tempo.

As descobertas foram publicadas em 31 de março de 2021.

## Os cirurgiões existentes em Guimarães entre o ano de 1644 ao ano 1820

ANO	IDENTIFICAÇÃO
1644	José Marques Barbosa.
1691?	Francisco Ribeiro
1703	Pedro Gomes Correia
1703	Jerónimo de Almeida Gomes - Este e o anterior ofereceram-se para curar os enfermos sem ordenado algum e só depois de falecer o que então servia, Francisco Ribeiro, aceitariam o ordenado costumado, repartido pelos dois. (ASCMG, L <sup>o</sup> 178a(b), fl. 16).
1707	José Gomes.
1732?	António Costa e Silva.
1733	José Vaz Vieira - Durante 4 meses.
1733	Domingos Mesquita Guimarães- Durante 4 meses.
1733	António Teixeira Monteiro- Durante 4 meses.
1737	Domingos Martins
1737	José Vaz
1739	Manuel Coelho Figueiro
1739	Manuel Marques Pereira
1749	Domingos da Silva
1749	Francisco José Teixeira
1752	Pedro António Marinho
1756	Manuel Gomes Sousa
1759	Manuel António Sousa
1770	José António de Azevedo Varela
1786	João Rodrigo Gaivoto - Saiu por causa dumas intrigas que aconteceram "por conta das cauzas e demandas que esta casa tras com os edificantes das novas obras do Toural.(ASCMG, L <sup>o</sup> 12, fl. 59)
1789	João Baptista Freitas Machado - Escusou
1789	Bento Gomes - Substitui João Baptista Machado
1797	António José Ribeiro - Substitui João Borges da Cunha Gaivoto.(ASCMG, L <sup>o</sup> 12, fl. 59)
1800	Rodrigo Luis Rebello - Por falecimento de Bento Gomes (ASCMG, L <sup>o</sup> 12, fl. 64 v.)

1800	José António Varela
1800	João Rodrigo Borges da Cunha
1802	António José Ribeiro - Admitido com as seguintes condições: "fazer duas visitas por dia, uma de manhã e outra de tarde a horas competentes para o curativo e mesmo que não admitirá praticante de cirurgia à sangria antes querendo alguma dos praticantes aprender com o mesmo sangrador que for do mesmo hospital.." (ASCMG, L <sup>o</sup> 12, fl. 71).
1816	Desta Vila. Para curar nas cadeias, ordenado de 7\$200 anuais
1820	João António Gomes da Costa, morador na Quinta da Lama de S. João de Souto. Por impedimento de António José Ribeiro (ASCMG, L <sup>o</sup> 13, fl. 128 v.)

### Quando Travolta e a Princesa Diana dançaram e fizeram História



stávamos em 1985, John Travolta e a princesa Diana protagonizavam um dos momentos mais icónicos da década. Durante um jantar na casa branca, o actor americano dançou pelo salão com Lady Di, atraindo a atenção de todos os presentes e ganhando as manchetes pelos anos seguintes.

Na edição recente da revista "Esquire", do México, Travolta lembrou o episódio e o descreveu como "um momento mágico muito especial". Mais de 30 anos depois, o actor comenta sobre o dia com nostalgia e um sentimento de alegria.

"Imagine no cenário. Estávamos na Casa Branca. É meia-noite. O palco é como um sonho. Eu me aproximo dela, toco seu cotovelo e a convido para dançar. Ela vira-se e lança-me aquele sorriso cativante, um pouco triste, e aceita o meu convite. E lá estávamos nós, dançando juntos como se fosse um conto de fadas", disse Travolta. Ainda que tivesse experiência com dança, o artista confessou ter ficado bastante nervoso. "Dançar foi a parte fácil, mas apenas o fato de ter que saudar Diana adequadamente, ter confiança e convidá-la para dançar foi uma tarefa complicada", finalizou.

Diana se casou-se com o príncipe Charles, filho da rainha Elizabeth II, captando as atenções para um dos relacionamentos mais populares do mundo.

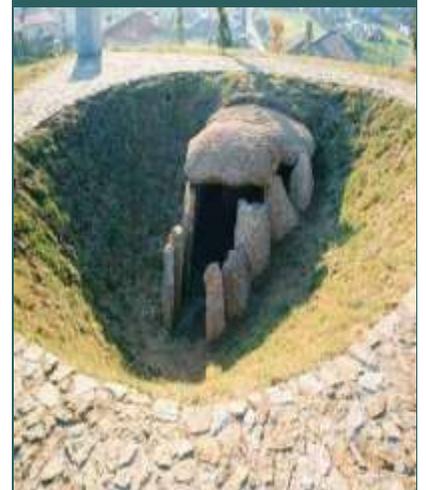
No entanto, no dia 31 de agosto de 1997, um acidente fatal chocava a todos. Entre suas vítimas, estava uma das mulheres mais adoradas do mundo: Diana Spencer, a Princesa de Gales.

A morte da princesa foi tema de debate e de teorias da conspiração por muitos anos, enquanto alguns acreditavam que a família de Elizabeth II estava por trás do trágico acidente, outros se questionavam se a filantropa deveria receber um funeral real, visto que ela já não era mais parte da monarquia britânica.

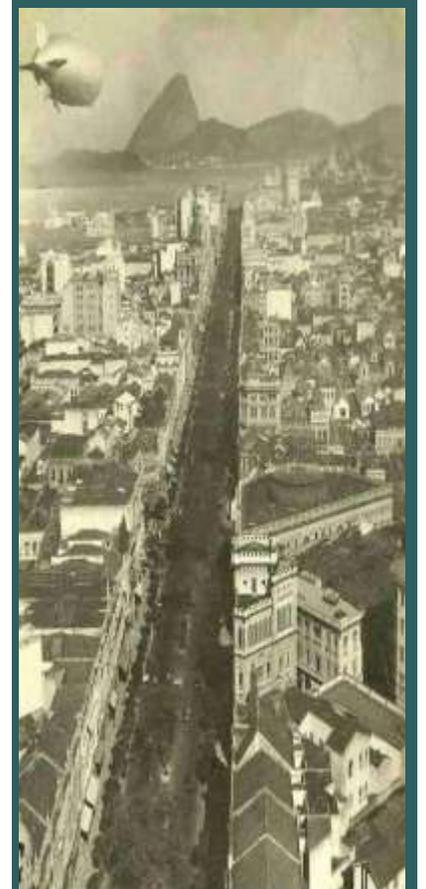
Em Braga, um lugar arqueológico interessante de visitar; Mamoia de Lamas

Mamoia de Lamas, um lugar histórico megalítico que vale a pena visitar e que se localiza na freguesia de Lamas, bem perto de Braga, com livre acesso ao Monumento.

Trata-se de um monumento megalítico de tipo funerário, ainda protegido pelas terras da mamoia, datado do Neolítico Médio/Final (entre finais do V milénio e finais do IV milénio antes de Cristo) e foi descoberto em 1993 e alvo de escavações arqueológicas entre 1995 e 1999, tendo sido preservado e valorizado pelo Museu, estando grande parte do seu espólio exposição no Museu.



"Um Dirigível ' Graf Zeppelin ' Sobrevoa a Cidade do Rio de Janeiro em 1933".



A junta de freguesia das Caldas das Taipas inaugurou um memorial ao combatente



Uma máscara de ouro de 3 mil anos e centenas de relíquias são achadas na China

Diversos itens preciosos de ouro, bronze, jade e marfim estavam em seis poços onde ocorriam sacrifícios humanos durante o estado chinês de Shu, que teve declínio em 316 a.C

Esta máscara de ouro de 3 mil anos foi encontrada num sítio arqueológico na província de Sichuan, na China (Foto: Divulgação/Shen Bohan/Xinhua/Sipa USA) Cerca de 500 artefatos, incluindo uma máscara de ouro de 3 mil anos, foram encontrados em um sítio arqueológico de Sanxingdui, na província de Sichuan, na China. O item dourado possui 84% de ouro em sua composição e pesa 280 gramas, segundo a Administração do Patrimônio Cultural Nacional (NCHA) do país asiático.

As várias descobertas – a maioria de ouro, bronze, jade e marfim – são fruto de escavações que começaram em 2019, no sítio Sanxingdui, uma área de 7,4 quilômetros quadrados. A hipótese é que as relíquias tenham pertencido ao estado de Shu, que governou a região da bacia de Sichuan ocidental até ela ser conquistada, em 316 a.C.

De acordo com um comunicado da NCHA, também foram encontrados no local dois tipos de seda. O primeiro estava espalhado entre as cinzas em um dos fossos, enquanto o segundo foi localizado enrolado em objetos de bronze.

A seda desempenhou um papel importante na história milenar da China, segundo a Smithsonian Magazine. Durante cerimônias de sacrifício, os antigos chineses usavam roupas feitas com esse tipo de tecido, pois acreditava-se que essa fibra poderia servir “como um transportador e meio de comunicação entre o céu, a terra, o homem e Deus”.

Além disso, várias das relíquias presentes no sítio arqueológico possuem semelhanças com objetos encontrados ao longo do sudeste asiático e do rio Yangtze, na China. Isso é sinal de que a antiga civilização Shu se envolveu em “amplas trocas com muitas regiões”, segundo apontou Zhao Congcang, arqueólogo da Universidade Northwest, na China, ao South China Morning Post.

“As conquistas arqueológicas do sítio Sanxingdui refletem plenamente as importantes contribuições da antiga civilização Shu e da cultura do rio Yangtze para a civilização chinesa”, afirma o comunicado do Estado Chinês. Fonte: revista Galileu



## Dado de jogar romano com mais de 2 mil anos descoberto no Algarve

As obras do número 16 da Rua Ivens, em Faro, revelaram aos arqueólogos estruturas romanas associadas a um conjunto de artefactos de qualidade. Um dado invulgar, fragmentos de vidro e de cerâmica vão ajudar a conhecer mais uma página de história da cidade algarvia.

Entre as ranhuras de uma cloaca romana, a pouco mais de um metro de profundidade, o pincel do arqueólogo Carlos Vilela revelou um pequeno dado retangular que, tudo indica, terá sido jogado pela última vez em meados do século I ou início do século II d.C.

A equipa de escavação da Era Arqueologia encontrou numa área de caneiro romano "material arqueológico de boa qualidade", explica Francisco Rosa Correia, arqueólogo da empresa responsável pelos trabalhos.

Fragmentos de cerâmicas de grande qualidade - conhecidos por terra sigillatas -, de lucerna com marca do oleiro produtor, de vidros de janela e ainda pequenas peças para a construção dos mosaicos (tecelas), foram encontrados entre as ranhuras e debaixo de telhas romanas (tégulas) que compõem a base da cloaca (sistema de saneamento romano).

Esta zona da baixa de Faro está identificada como área habitacional romana, não sendo anormal encontrar testemunhos arqueológicos do período de expansão inicial do imperador Augusto.

João Pedro Bernardes, professor no Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve, sublinha que na Faro romana, conhecida como Ossonoba, as "casas ricas tinham água canalizada e esgotos, ao contrário de muitas outras habitações mais modestas". É parte de uma destas condutas que foi agora encontrada.

O investigador acrescenta que "o escoamento ou cloaca tinha origem numa dessas domus ricas cujas ruínas se devem situar sob a atual rua Ivens ou sua proximidade. Dirigiase para a zona ribeirinha que era mais recuada que atualmente e durante a maré alta a água penetrava bem dentro da cidade através de um conjunto de esteiros". Dos recentes achados, destacam-se "entre os sedimentos do interior da canalização alguns artefactos, entre os quais o dado em osso, que teriam sido arastados para o cano onde acabaram depositados", explica João Pedro Bernardes.

O subsolo da cidade de Faro continua a ter muitas histórias para contar. São pelo menos três mil anos de ocupação humana, que podem ser encontrados em camadas sobrepostas. O mar que banha este território trouxe muitas gentes do Mediterrâneo oriental que se instalaram, inicialmente, na "zona amuralhada conhecida como Vila-Adentro", tiraram proveito dos recursos marinhos e engrossaram laços comerciais com a atual Andaluzia. Nas várias camadas podem encontrar-se vestígios fenícios, romanos, islâmicos e cristãos.

Faro é por isso uma "área com sensibilidade arqueológica elevada", salienta Francisco Rosa Correia. E acrescenta: "A lei obriga à realização de sondagens arqueológicas prévias a qualquer remeximento do subsolo".

Neste caso, para adaptar o local ao projeto de restauração, seria necessário remexer essas camadas.

Alea jacta est

"Jogar durante a época romana era uma atividade frequente e amplamente apreciada", diz Lídia Fernandes, arqueóloga e coordenadora do Teatro Romano-Museu de Lisboa, que partilha o estudo sobre o dado de Ossonoba, relembrando a expressão atribuída a Júlio César, "Alea jacta est - o dado está lançado". "A introdução de jogos nos confins do império romano deveu-se, em grande medida, à conquista militar" e algumas destas práticas lúdicas "implicavam o uso de dados".

Uma das mais-valias deste dado é ter sido encontrado em contexto arqueológico, o que é raro em território português.

Os vidros e as cerâmicas associadas ajudam a atribuição da cronologia romana, "com alguma fiabilidade, embora pouco precisa".

Com uma dimensão de 12 por sete milímetros, a morfologia do dado é retangular e a matéria prima, após análise laboratorial, revelou ser osso.

A inscrição do valor das faces do dado revelam algumas particularidades.

Apresentam-se "em duplos círculos concêntricos, apesar de se encontrarem especialmente bem marcados, não estão alinhados" explica a arqueóloga exemplificando com a face de três e cinco pontos. "Nesta última, ocorreu um erro na gravação do ponto central, encontrando-se um círculo a mais do que nos restantes e apresentando-se descentrado".

Para a Lídia Fernandes, os aparentes "erros" dos círculos tem uma possível interpretação e o dado em causa poderia pertencer ao universo dos dados viciados.

Embora não seja exemplar único em território nacional, o dado encontrado na Baixa de Faro "representa um dos melhores exemplos deste tipo de objetos de carácter lúdico", afirma a arqueóloga. Um objeto similar, com forma cúbica, foi encontrado em Conímbriga. Ali trata-se de "uma peça em osso, retangular com dimensões de 16 por sete milímetros", mas aparentemente inacabada pois não tem gravação de pontos nas faces.

O dado de Ossonoba apresenta um bom estado de conservação e tem um acabamento delicado. "O talhe, da peça, com esquinas um pouco boleadas, o polimento da superfície e a boa marcação dos pontos de cada uma das faces, assim como a sua distribuição, constituem indicadores de se tratar de uma peça que mereceu o apreço do seu possuidor", sublinha a investigadora.

Francisco Rosa Correia conta-nos que "foram ainda exumados três peças de jogo, fragmentos de cerâmica que foram arredondados, possivelmente utilizadas no jogo Ludus latrunculorum e o Duodecima scripta, que deram origem ao jogo do Gamão".

Questionado sobre quem seriam os jogadores, o arqueólogo esclarece que "poderíamos especular quem eram, mas numa seria uma realidade absoluta, apenas sabemos que os materiais que temos e a riqueza destes, pertenceriam a pessoas de posse da cidade de Ossonoba."

João Pedro Bernardes acrescenta que estes testemunhos "pertenceriam a uma elite ligada sobretudo ao comércio marítimo revelada por uma abundante epigrafia funerária e votiva oriunda da cidade".

Na mesma escavação, entre estruturas correspondentes a outros períodos temporais da cidade, está "um poço com diâmetro interno de 60 centímetros, possivelmente, construído ainda em época medieval" descreve Francisco Rosa Correia.

Valorização patrimonial

O espólio arqueológico e todo o registo das estruturas encontradas estão a ser alvo de estudo e os resultados serão divulgados. "Os materiais arqueológicos serão por fim entregues ao município de Faro", diz nos Miguel Lago, arqueólogo e administrador delegado da Era-Arqueologia.

Perante estas pequenas janelas que se abrem para o passado e vão contribuindo para a memória do sítio, João Pedro Bernardes afirma que a cidade de Faro "mantém um dos subsolos mais bem preservados do território português". E defende que "o ideal seria que alguma coisa desse subsolo se pudesse preservar e musealizar, para lembrar e mostrar a residentes e visitantes que esta cidade se foi construindo com vários povos, diálogos e desavenças ao longo de muitos tempos, sendo hoje fruto de uma longa história que a torna única e diferente das já encontradas

(Fotos de Era Arqueologia e Nuno Santos Loureiro, Barlavento - Fonte da notícia - RTP)



## O busto de Ferreira de Castro nas Taipas (Texto de Álvaro Nunes - Correio da História)

“- Uma pena, botaram-me a perder o veraneio. Todos os anos, no verão, vinha para aqui para uns dias de descanso. Antes do sol de pôr, à tarde, sentava-me naquele banco – aponta o banco junto ao busto -, conversava sobre a chuva e o bom tempo, a vida e a morte com os patricios, sabem coisas, contavam-me das pessoas e dos costumes, os detalhes com que se fazem os romances. Sabes como é.

O vento na praça, Ferreira de Castro ajeita o cachecol:

- Conheciam-me como o homem do chapéu porque ando de cabeça coberta ara não apanhar defluxo, não sabiam quem eu fosse, conversavam à tripa solta, eu era um deles. Agora, acabou-se, não serei eu quem irá sentar-se diante do busto, papel ridículo. Deixei de ir ao veraneio, a conversa se perdeu, já nada me contam, passei a ser Vossa Excelência, dão boa tarde e se despedem. Uma tristeza. Vamos embora antes que pensem que vim aqui para vos exhibir o busto, pavonear-me”

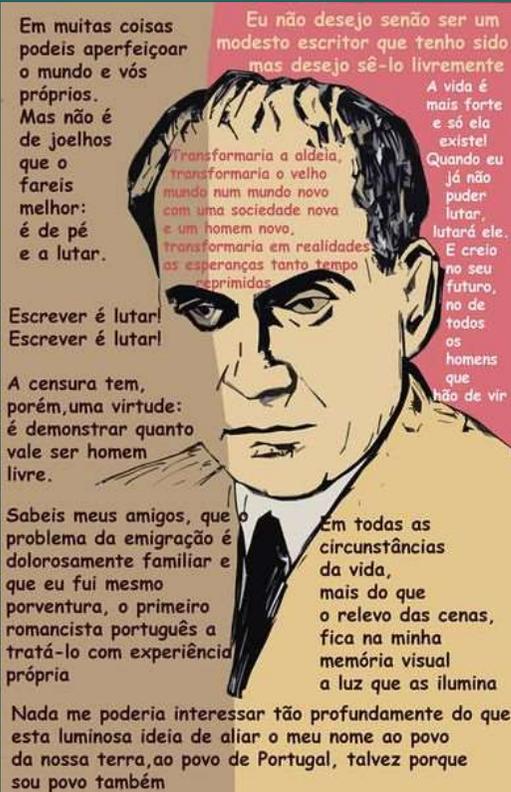
Jorge Amado, in "Navegações de Cabotagem (1999)

“A terra onde a lua fala”:

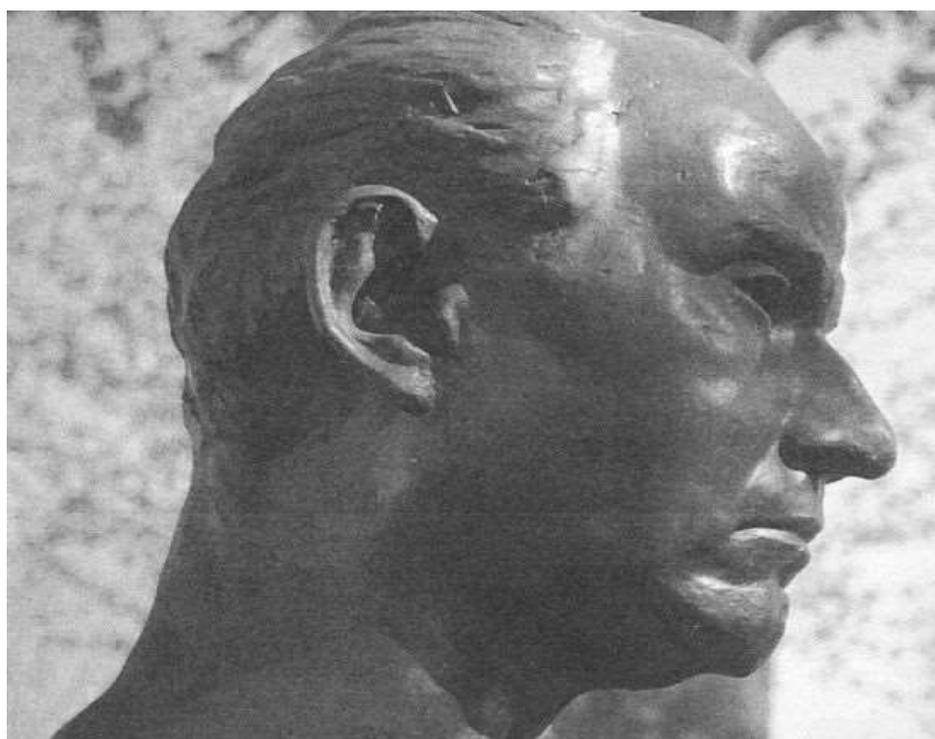
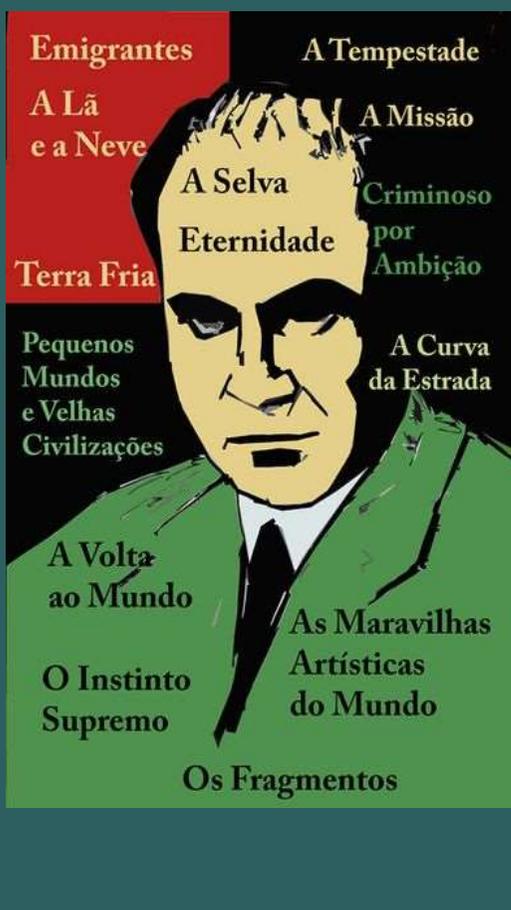
“ Com o rosto da Vila e corpo de Aldeia, Caldas das Taipas ostenta todas as louçanias do Minho. A quinhentos metros da via nacional, que a liga ao Mundo, termina o urbanismo: duas avenidas transformam-se em estradas, as estradas ramificam-se em caminhos. E é lá que a natureza minhota, de milheirais empenachados, choupos e salgueiros onde se abraçam as vides, esplende em toda a sua beleza. Beleza humilde e confidente, discreta e propícia, como poucas, para os diálogos com o silêncio ou com os arquipélagos de sombras e claridades que se formam nos recantos do mundo vegetal. Alguns dos milheirais, longos e estreitos correm entre sebes de árvores, que tantas vezes se unem em cima, sugerindo verdes naves, enquanto as videiras se estendem de tronco a tronco, como grinaldas. Cantam regatos ao lado dos nossos pés, cantam aves nas franças mais altaneiras, cantam os insetos nos seus refúgios, enchendo a terra dum permanente e vasto ritmo sinfónico. E uma suave poesia, dessas que despertam sentimentos eternos, domina tudo. Ela irá sempre connosco até às margens líricas do Ave, que é, com a sua indolente curva, o diadema azul das Taipas. As pontes romanas quase ao rés da água, dir-se-ão entablamentos de velhos templos submarinos; o arvoredado romântico fala de quimeras e certamente não há lua mais sugestiva e bela do que esta, que ao espelhar-se no rio parece dizer-nos, baixinho, muito baixinho, como se nos promettesse uma doce vida sem fim:

- Não partas! Fica e sonha ... Eu voltarei amanhã ...”

Ferreira de Castro, in Notícias de Guimarães. de 29 de Setembro 1963

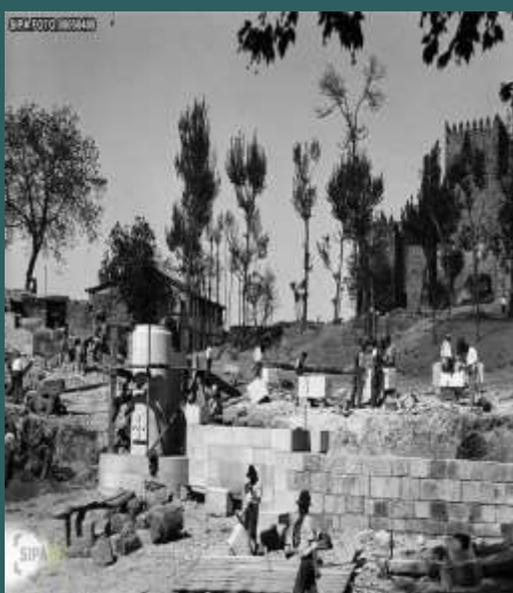


Ferreira de Castro -  
Imagens alusivas à sua  
obra do autor J.Salgado  
Almeida que irão ser  
incluídas no livro "Ferreira  
de Castro e(m) Guimarães"





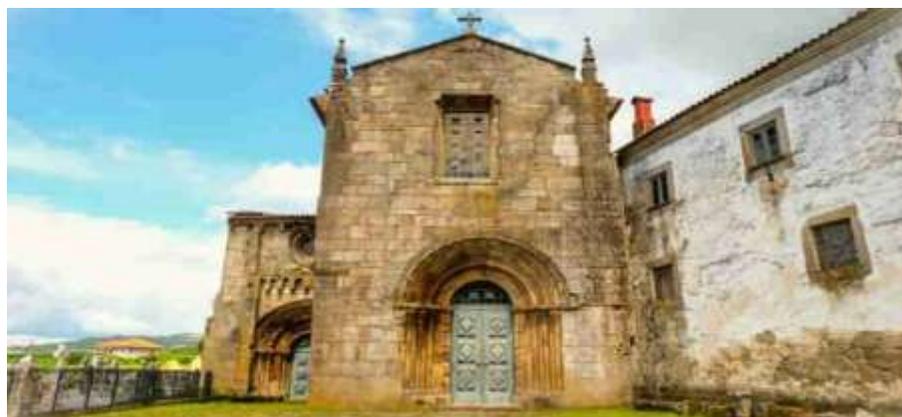
Artigo de Carlos Gomes  
Colaborador do Blogue do Minho



## Reabilitação da Igreja do Convento de S. Salvador de Pederne em curso

A apresentação do projeto de reabilitação e conservação da igreja do Convento de São Salvador de Paderne vai decorrer, amanhã, em Melgaço, contando com a presença da Secretária de Estado Adjunta e do Património Cultural.

A intervenção resulta de uma candidatura submetida pelo Município de Melgaço ao Programa Operacional Norte 2020, cabendo à Direção Regional de Cultura do Norte o apoio técnico à elaboração do projeto.



## A História da estátua do primeiro Rei



Afonso Henriques cria Portugal como um território independente no séc. XII, mas foi necessário aguardar pelo séc. XIX para se pensar em erguer, em Guimarães, um monumento em sua honra. A ideia parte de um vimaranense, João Alves Pereira Guimarães, residente no Rio de Janeiro que, em 1882, apresenta a proposta em carta enviada à Câmara Municipal (presidida, à época, por Dr. António Coelho de Mota Prego).

Após esta missiva, o Município resolve nomear uma comissão, sob a sua direção, reunindo ilustres vimaranenses «para realizar os meios e preparar trabalhos para a execução do dito monumento». Em 1884 a comissão, tendo conseguido 6,000\$000 réis, solicita ao escultor António Soares dos Reis «...se poderia fazer um monumento digno». Após muitas vicissitudes, decidiu-se efetuar o monumento em bronze, tendo-se realizado um contrato entre a Câmara e o escultor, com data de 2 de setembro de 1885, no valor de 7,000\$000 réis.

A inauguração sucede a 20 de outubro de 1887, no Campo de S. Francisco, contando com a presença do Rei D. Luís, de toda a Família Real, e uma assistência de cerca de 15000 pessoas. No seu discurso, o Rei D. Luís afirma que a estátua simboliza que «o povo português paga uma dívida sagrada, ainda que tardiamente, pois que esta festa e esta celebração de glória do primeiro Rei ressuscita o passado de seis séculos».

Orgulho dos vimaranenses, o monumento manteve-se no Largo de São Francisco, já então denominado como praça D. Afonso Henriques, até 6 de novembro de 1911, altura em que é deslocada para o Largo do Toural onde permaneceu até 1940.

Justamente há 80 anos, em maio de 1940, a escultura é levada para as proximidades do Paço dos Duques, onde se encontra atualmente, tal como podemos ver pelo registo fotográfico da DGEMN e Sociedade Martins Sarmiento que aqui se reproduz.

Nessa altura, foi feita uma réplica da escultura a qual se encontra no castelo de São Jorge, em Lisboa, existindo a sua reprodução em gesso no Museu Soares dos Reis, no Porto.

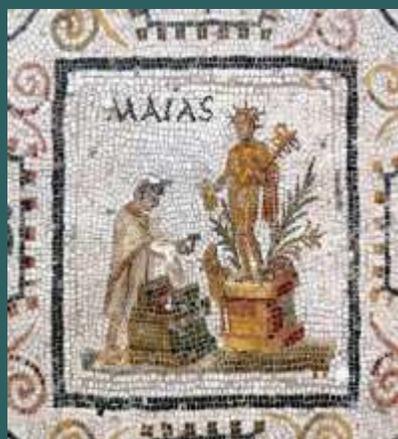
Após a intervenção de restauro, esta semana poderemos voltar a contemplar e a admirar a nossa estátua em todo o seu esplendor.

Fonte: Paço dos Duques



A dança no tempo dos romanos  
A 29 de abril celebrou-se o Dia Mundial da Dança, que tinha um significado essencialmente religioso no Mundo Antigo, muito associado a rituais agrários e campestres, em particular com as ninfas da mitologia grega.

Na imagem, o baixo-relevo em mármore com uma Ménéade dançante, datado do século I depois de Cristo. Esta peça foi encontrada no século XVIII junto aos alicerces da muralha romana de Beja e encontra-se atualmente no Museu Nacional Frei Manuel do Cenáculo, em Évora, já tendo passado pelo nosso Museu em 2008, integrada na Exposição Temporária “Imagens e Mensagens”.



Mês de Maio era dedicado a Maia  
Inicia-se hoje o mês de maio (do latim “Maius”), que era dedicado à deusa Maia, de origem grega e adotada pelos romanos.

Maia era a mais velha das Pléiades e mãe de Hermes, o mensageiro dos deuses (Mercúrio entre os romanos), ancestralmente considerado uma divindade agrária e da pastorícia, associada à fertilidade.

## Mais 110 túmulos egípcios descobertos no delta do Nilo este mês

Após ao desfile da trasladação dos sarcofagos de vários faraós para o novo museu nacional da civilização egípcia e da descoberta de uma cidade com mais de 3000 anos em Luxor, este é mais um achado a acrescentar ao portfolio deste país, e desta civilização, como capital principal da curiosidade pelos mistérios da Antiguidade: um conjunto de 110 túmulos, que remontam ao tempo do Antigo Egipto, foi descoberto no campo arqueológico de Kom al-Khaljan, no delta do Nilo

A notícia foi avançada esta quarta-feira pelo Conselho Supremo de Antiguidades do país, e divulgada por vários órgãos de comunicação. No decorrer de uma missão arqueológica dirigida por Sayed Al-Talhaw, na província de Daqhliya, a norte do Cairo, os investigadores localizaram e puseram a descoberto três conjuntos de sítios funerários de outros tantos períodos da história do Egipto, a maioria dos quais pré-dinásticos, relativos a mais de 3000 anos antes de Cristo

Segundo a nota do Conselho, as descobertas dizem respeito aos tempos da Civilização do Baixo Egipto, quando a capital era a cidade de Bhutto (3100 a.C.); à Civilização de Naqada III (3200 a 3000 a.C.); e ao período dos hicsos (entre 1700 e 1500 a.C.).

“Esta descoberta é uma importante porta de entrada histórica e arqueológica neste sítio”, disse Mustafa Waziri, secretário-geral do Conselho Supremo de Antiguidade, citado no comunicado. Referia-se aos 68 túmulos encontrados e relativos ao tempo do Baixo Egipto; aos cinco que datam da civilização de Naqada; e aos 37 “mais recentes”, do tempo dos hicsos.

A missão vai continuar, o que significa que os arqueólogos, e todos os interessados na história da Antiguidade egípcia, têm certamente razões para se manter atentos às próximas revelações.

Entre aquelas de que agora nos foi dada notícia, avultam as circunstâncias dos enterramentos encontrados: há restos mortais de pessoas sepultadas na posição fetal, em túmulos com forma oval, outras com o corpo estendido; e até crianças e bebés “guardados” em recipientes de cerâmica.

Nadja Khader, chefe do Departamento Central do Baixo Egipto no Conselho Supremo de Antiguidades, explica que, entre os 37 túmulos do tempo dos hicsos, 31 têm a forma de poços semi-rectangulares, com profundidades que variam entre os 20 e os 85 centímetros. Nestes, tal como na maioria das situações, as cabeças defuntas repousam viradas para oeste.

Duas situações particularmente documentadas foram a dos restos mortais de um bebé sepultado dentro de um vaso de cerâmica, do período de Bhutto, e a de um cemitério para crianças, do período dos hicsos, onde foram também encontrados, junto dos restos mortais, artefactos funerários, como vasos de cerâmica e anéis de prata.

A missão arqueológica encontrou ainda uma colecção de fornos, lareiras e restos de edificações em tijolo, além de louças, amuletos e brincos, alguns dos quais enfeitados com pedras semipreciosas.



Na imagem, a possível representação da deusa romana Flora, num fresco de um quarto ('cubiculum') da Villa de Arianna, em Stabiae (Nápoles, Itália), datado entre 15 e 45 depois de Cristo e descoberto em 1759, atualmente no Museo Archeologico di Napoli.



Na época romana, entre 28 e 30 de abril, celebrava-se a "Floralia", uma festividade em honra da deusa Flora, ligada ao ciclo agrário e à fertilidade.

## A tradição das maias em Portugal na noite de 30 de Abril para 1 de Maio

Tradicionalmente, em várias regiões do País, na noite de 30 de abril para 1 de maio, são colocados ramos ou coroas de giestas floridas - as 'maias' - nas portas das casas, nos carros e até nos animais, perpetuando a celebração do despertar da natureza e o renascer da vida vegetal, tal como acontecia na época romana relacionada com cultos agrários mais antigos, afastando o mau agouro que pudesse ser nefasto para as colheitas.

Na origem deste costume podem estar os rituais associados a Maia, com origem numa ninfa grega e adotada na época romana, deusa do nascimento e do crescimento, que simbolizava também o invisível e o oculto.



## Conímbriga vai ser transformado em "cluster"

Vejo Conímbriga essencialmente como um campo arqueológico em progresso. Para além do museu nacional, das ruínas e do território, acho que o grande legado que podemos transmitir às novas gerações é preservar bem as ruínas, investigá-las e compreendê-las bem, com metodologias científicas", disse Vítor Dias à agência Lusa.

Em funções desde 01 de abril, o arqueólogo e investigador ambiciona "ter a capacidade de seduzir professores e alunos para interdisciplinarmente darem um contributo ao sítio", tendo em conta a proximidade geográfica com Coimbra.

Salientando que "a arqueologia se impõe por si", o responsável frisou que "Conímbriga tem conseguido, nas últimas décadas, à custa de um trabalho de grande qualidade, ser uma marca nacional com reconhecimento internacional".

"Acho que é perfeitamente possível desenvolvermos este 'cluster' experimental de ciência, porque o passado credibiliza-nos", sublinhou Vítor Dias, referindo que o Museu de Conímbriga pretende ser "um parceiro de cultura, ciência e conhecimento, que não pode ser omitido na região".

O diretor do Museu considera que o complexo das ruínas romanas é o local "certo" para apostar na transição digital e geracional, "fatores chave para nos conseguirmos readaptar às novas realidades".

"Este é um campo arqueológico em progresso e, na verdade essa adaptação geracional e tecnológica vai acontecer aqui de forma instintiva, pois é um sítio perfeito para essa transição digital que tanto se fala agora", referiu.

Segundo Vítor Dias, o complexo das ruínas romanas de Conímbriga tem também a "particularidade" de ser, além de um campo arqueológico, um espaço museológico, desportivo e turístico, que, no ano pré-pandemia da covid-19 (2019), registou cerca de 100 mil visitantes.

Neste momento, estão em fase de conclusão os trabalhos de restauro da muralha, que deverá estar acessível ao público a 18 de maio, dia em que se prevê a reabertura do Museu Monográfico, com uma nova exposição de mais 40 novas peças descobertas nas escavações arqueológicas mais recentes.

As ruínas romanas de Conímbriga, abertas ao público desde 1930, estão classificadas como monumento nacional, sendo uma das maiores povoações romanas de que há vestígios em Portugal, situada a 16 quilómetros de Coimbra.

Mestre em Arqueologia pela Universidade de Coimbra, com especialização em ensino e doutoramento pela Universidade de Évora, o novo diretor do Museu Monográfico de Conímbriga, de 49 anos, trabalhou na extensão de Viseu do Instituto Português de Arqueologia e acompanhou diversas intervenções em gasodutos, parques eólicos e zonas históricas.

Fonte; Notícias ao minuto



## Hereditas – A nova +lataforma do património vimaranense

O Hereditas –O Atlas das Paisagem Cultural do Concelho de Guimarães foi apresentado oficialmente na terça-feira, 27 de abril, na Black Box da Plataforma das Artes e da Criatividade, com transmissão em direto nos canais de Facebook e Youtube do Município de Guimarães, numa sessão cujo título é “Herdar o Futuro: O Património Cultural na Gestão do Território”.

O Hereditas vem dar seguimento a uma política pública de preservação do património que há muito vem sendo prosseguida pelo Município de Guimarães. O projeto alarga a perspetiva patrimonial a todo o território e envolveu um conjunto alargado de especialistas de diferentes disciplinas que se debruçaram sobre áreas como a Arqueologia, Arquitetura, História, Património Imaterial, Património Natural (Paisagem) e Vias Antigas, áreas essas que constituirão o catálogo de uma plataforma digital aberta e universal.

## Museus voltam aos horários normais ao fim de semana

Com o fim do Estado de Emergência, os museus e monumentos regressam aos seus horários habituais ao fim de semana. Ao domingo, a entrada é gratuita.

Consulte no link em baixo os horários e visite o Património



## Ferreira de Castro - A propósito do 17 de Abril de 1971. Texto de Álvaro Nunes

José Maria Ferreira de Castro (1898-1974), insigne escritor e conceituado jornalista, encontra-se imortalizado no concelho vimaranense, quer na sua toponímia local, quer pelo busto inaugurado nas Caldas das Taipas, em 19 de Abril de 1971, já lá vão 50 anos.

Com efeito, naquela data, o Círculo de Arte e Recreio, presidido por J. Santos Simões, promoveria uma homenagem ao escritor, que assiduamente veraneava naquela amada vila taipense. Realmente, “A terra onde a lua fala”, assim a denominou e titulóu o escritor em artigo publicado do “Notícias de Guimarães” de 29 de Setembro de 1963, foi um dos seus espaços sentimentais em que “o senhor do chapéu” conviveria e faria amizades, quer entre o povo anónimo rendido à sua simplicidade e bonomia, quer entre admiradores da sua obra, ora pelo poder cativante da sua mensagem em prol dos deserdados ora pelo seu humanismo social novo.

Evocar Ferreira de Castro (FC) neste terno preito de há 50 anos, é por conseguinte não só um modo de ressuscitá-lo para além da sua (re)leitura, como também presentificar a história local mais recente, que o busto do escultor António Duarte perpetua. De facto, nesse dia, presente na cerimónia, acompanhado da sua esposa, Ferreira de Castro, sempre avesso a homenagens, comover-se-ia com as palavras alusivas de Santos Simões, José de Oliveira (Presidente da Junta de Caldelas) e do crítico Arsénio Mota, bem como da mensagem de saudação do grande amigo e escritor brasileiro Jorge Amado, que não pudera estar presente.

Ora, Ferreira de Castro foi de facto um dos proeminentes escritores portugueses do século XX, que soube ficcionar e plasmar como poucos a sua experiência pessoal de lutador e deserdado. Com efeito, nascido de pais pobres em Ossela (Oliveira de Azeméis) e órfão de pai ainda criança, cedo seria forçado a emigrar para o Brasil, com o objetivo conquistar o pão que o diabo amassou. Aí, no inferno verde da selva amazónica, no seringal do Paraíso e posteriormente em Belém do Pará, subsistindo em biscates como a colagem de cartazes ou embarcações da carreira fluvial do Oiapoque, cresceria e se fez homem. Um crescimento que faria a pulso e às suas próprias custas, com a simples instrução primária no alforge e muita vontade de se autoeducar, de moldes a almejar com anelo o seu sonho de ser jornalista.

Autodidata por educação, lutador determinado por natureza e sonhador Ferreira de Castro acabaria por publicar no Brasil os primeiros texto jornalísticos e o primeiro livro “Criminoso por Ambição” (1916), que distribui porta a porta.



Vicissitudes similares passaria também em Portugal, quando regressa em 1919. Na verdade, como ilustre desconhecido nos meios jornalísticos, onde pretende trabalhar, vive os anos iniciais com dificuldades, em esporádicas colaborações dispersas em revistas e jornais nacionais que, como diz representavam “o forno de onde me vinha o pão(...) me punha a mesa sóbria, substituíu os fatos e os sapatos quando muito usados, me pagava os cigarros e os cafés”.

O jornalismo seria porém, além de fonte de sobrevivência, o caminho inicial para a literatura, em especial a partir de meados da década de 20 e inícios dos anos 30. Efetivamente após colaborações diversas no jornal “O Luso” e na revista “A Hora”, na qual escreve um artigo elogioso sobre Raul Brandão, bem como no suplemento literário do jornal operário “A

Batalha” da Confederação Geral do Trabalho, FC passaria em 1927 a integrar a seção internacional do jornal “O Século” e a assumir a presidência do Sindicato de Profissionais da Imprensa de Lisboa; e, anos mais tarde, a assumir a direção do hebdomadário “O Diabo”, periódico de crítica literária e artística de oposição ao Estado Novo, no qual colaboraria também o vimaranense Abel Salazar, editando o seu “Pensamento Positivo Contemporâneo”, que divulgaria paulatinamente, em 51 artigos, os novos ideias do empirismo lógico europeu.

Ora, seria esta faceta de jornalista excelente, engajado e interventivo, que seria também motivo de outra homenagem nas Caldas das Taipas em 26 de Novembro de 1983, por parte do Gabinete de Imprensa de Guimarães, presidido por Luís Caldas, no âmbito do XII Encontro de Imprensa Regional.

Deveras, como Jornalista, legar-nos-ia peças imemorais como as Constituintes da II República Espanhola, a Revolta da Andaluzia e o plebiscito da Catalunha, ou a entrevista ao líder republicano irlandês Eamon de Valere, assim como preciosos trabalhos sobre o mutualismo, os albergues noturnos, as condições de vida nas minas de S. Domingos ou as prisões portuguesas, como o Limoeiro, onde se infiltrara com a convívência dos reclusos. Peças únicas que muitas vezes seriam proibidas pela censura, ainda que algumas hajam sido recuperadas postumamente na obra “Os Fragmentos – um romance e algumas evocações” (1974).

Aliás, o combate à censura foi um dos seus porfiados cavalos de batalha, que o levaria anos mais tarde, desencantado, a abandonar o mister de jornalista. Reconhece-lhe todavia algo positivo; “a censura tem, porém, uma virtude: é demonstrar quanto vale ser homem livre, um povo livre”

No entanto, a luta de Ferreira de Castro passaria também pela sua intervenção política em torno do Movimento de Unidade Democrática (MUD), em prol da democracia, pela defesa testemunhal de antifascistas perseguidos pelo salazarismo, bem como pelo apoio a várias candidaturas oposicionistas, que inclusiv2e o levariam a ser sondado para a candidatura à Presidência da República em 1958, que humildemente recusaria.

Todavia, é na sua obra que FC melhor espelha a sua matriz ideológica. De facto, embora defenda que “a literatura não tem obrigação de lutar e nem de salvar ninguém (...) não tem de estar vinculada a qualquer ismo”, ela assume-se do ponto de vista ético-social, na obra do autor, como um espelho fiel dos sentimentos e inquietações da época, numa expressão precursora do humanismo social, em prol dos humilhados e ofendidos.

E de facto assim seria com as obras de consagração. Em primeiro lugar, “Emigrantes” (1928) que através do protagonista Manuel da Bouça, se torna “o romance de todos os emigrantes”, e também dele próprio, que o sentiu na pele, pois como disse “o problema da emigração é dolorosamente familiar e que eu fui mesmo, porventura, o primeiro romancista português a tratá-lo com experiência própria”. Depois “A Selva” (1930), livro de duas pátrias (Portugal e Brasil),” pelo muito que sofreu durante os primeiros anos da minha adolescência e pela coragem que me deu pra o resto da vida (...) que há de registar a tremenda caminhada dos deserdados através dos séculos em busca do pão e da justiça”.

No mesmo rumo seguir-se-iam “Eternidade” (1933) centrado na luta dos camponeses, operários e bordadeiras da Madeira, “Terra Fria”(1934), galardoado com o Prémio Ricardo Malheiro, focalizado nas pobres condições de vida das gentes barrosãs sujeitas à canga do

“feudalismo” dos poderosos ou “A Lã e a Neve”(1947) que se assume como uma epopeia do trabalho do povo têxtil e do pastoreio da Serra da Estrela.

A este ciclo segue-se ainda um período de literatura de viagens, entre as quais se destacam “Pequenos Mundos e Velhas Civilizações”(1937), “A Volta ao Mundo” (1944) e “As Maravilhas Artísticas do Mundo”(1959), que em 1963 seria distinguido pela Academia de Belas Artes de Paris.

A esta fase segue-se uma outra direccionada para as realidades sociais e históricas, entre as quais publica obras como “A Curva da Estrada” (1950), “A Missão” (1954) e “Instinto Supremo” (1968) que o faz regressar à amazónia e que presumivelmente terá sido escrito parcialmente nas Caldas das Taipas.

Porém, uma vida e uma obra ímpar que o levaria à presidência do Sociedade Portuguesa de Escritores (1962), à recepção de galardões como o Grande Prémio Águia de Outo do Festival do Livro de Nice (1970), cujo valor pecuniário investe na Biblioteca de Ossela, e ao Prémio da Academia do Mundo Latino (1971) em parceria com Eugenio Montale e Jorge Amado. Ademais, a juntar, duas indigitações para o Prémio Nobel da Literatura: em 1951 e em 1968, este último em companhia de Jorge Amado, apresentado pela União Brasileira de Escritores.

Em sùmula, uma vida e obra que se complementam coerentemente e que terminaria em 29 de Junho de 1974. Porém, uma existência vivida em plenitude que perenemente se evoca nas Caldas das Taipas, quer na simples condição de homem apaixonado pela terra, quer como cidadão exemplar dos valores de Abril, que ainda viveria o primeiro 1º. de Maio a gritar: “Escrever é lutar! Escrever é lutar”.

Assim, como afirmaria o poeta José Gomes Ferreira, no decurso do seu fétereo “Quando um amigo morre, que nos resta senão ressuscitá-lo?”

A evocação histórica do 17 de Abril de 1971, nas Caldas das Taipas, é uma forma de ressuscitação, que a leitura da sua obra e visita às suas casas-museus em Ossela e Sintra poderão complementar

## As 5 grandes descobertas arqueológicas de 2021

A arqueologia neste ano de 2021 tem feito inúmeras descobertas das quais o Correio da História destaca 5. Estas descobertas desenrolaram-se principalmente no Egito;

### 1. Múmias com 'línguas de ouro' no Egito.

Máscara mortuária encontrada na escavação.



Em fevereiro, o Ministério do Turismo e Antiguidades do Egito divulgou uma descoberta arqueológica impressionante: arqueólogos encontraram túmulos que guardavam múmias com "línguas de ouro" em escavações no templo de Taposiris Magna de Alexandria, no oeste de Alexandria.

Para os arqueólogos, é possível que o processo tenha sido resultado de uma crença antiga, em que existia a tentativa de o indivíduo falar com o deus Osíris posteriormente à sua morte. A língua provavelmente foi retirada do corpo do morto durante o processo de mumificação, em que as línguas feitas de folha de ouro foram acrescentadas. Também foram encontradas máscaras funerárias durante as escavações.



### 2. Cidade de Ouro Perdida de 3 mil anos no Egito

Construções tirada na cidade perdida

Arqueólogos encontraram, após décadas de procura, a famosa "Cidade do Ouro Perdida" fundada pelo rei Amenhotep III, um dos mais poderosos faraós do Egito Antigo. A descoberta foi feita onde actualmente está a cidade de Luxor, no Egito, e divulgada no último dia 8 de Abril.

O local funcionou como um verdadeiro centro administrativo e industrial há mais de 3 mil anos, antes de ser completamente coberto por areia. Agora, os egiptólogos já consideram o achado como um dos mais importantes de toda a história do Egito, principalmente devido à constante procura que, finalmente, chegou ao fim.



### 3. Espada de 3 mil anos em oferenda na Dinamarca

Em março de 2021, investigadores encontraram uma espada impressionante no sul da Dinamarca, mais especificamente no vilarejo de Håre, na ilha de Funen. Esta espada foi descoberta num local curioso: pousada numa oferenda cerimonial que estava num fosso antigo envolto em fibras de bastão

Em relação à sua datação, os arqueólogos acreditam que o artefacto remonta à Fase IV da Idade do Bronze, há mais ou menos 3 mil anos. Num óptimo estado de conservação, a peça possui um cabo feito de madeira, chifre e tacha enrolada, pesando cerca de 1,3 kg. Na época da descoberta, o inspetor-chefe da escavação, Jesper Hansen, descreveu a espada como "completamente única".

### 4. Funcionamento da misteriosa Máquina de Anticítera



Painel frontal de uma reconstrução feita em 2007

Um estudo publicado em março conseguiu, finalmente, simular a famosa Máquina de Anticítera de forma integral, revelando seu funcionamento pela primeira vez. Este importante objeto é considerado o primeiro computador analógico da história e tem aproximadamente 2 mil anos.

Os cientistas apontaram que as engrenagens no interior da máquina são muito parecidas com o que temos hoje em relógios, por exemplo. Com esta nova reconstituição, foi possível assumir que o artefacto conseguia determinar, com precisão, os ciclos observáveis de movimentação de outros planetas, como Vênus e Saturno.

### 5. Sexo do 'Menino da Gran Dolina'



Reconstrução facial da 'Menina da Gran Dolina'

Em 1994, alguns restos humanos foram descobertos na Gran Dolina, localizada nas montanhas Atapuerca, na Espanha.

O fóssil ficou conhecido como "Menino da Gran Dolina", mas não existiam evidências científicas de que se tratava de um menino.

Foi apenas no último mês que investigadores verificaram essa questão de fato.

E a descoberta foi impressionante: era uma menina.

Ao analisarem os dentes fósseis com uma tecnologia moderna, os cientistas descobriram o verdadeiro sexo de um dos mais importantes fósseis da Europa.

Além disso, eles também entenderam que o indivíduo morreu de forma brutal, provavelmente numa situação de canibalismo.

## Um artigo excepcional do Dr. Luís Raposo (presidente do ICOM e vice presidente da Associação dos Arqueólogos Portugueses)

### A “maka” das estátuas \*



Depois de alguma aparente acalmia, a questão da iconoclastia volta a ser falada. Agora sobretudo por causa de uma “carta de direitos e deveres” que o Vítor Serrão congeminou e as associações da PP-Cult entendem merecer ser discutida, talvez aperfeiçoada, talvez adoptada em comum.

E de novo se vê os tribalistas, “anti-colonialistas” e “anti-racistas” de teclado, sofá e protestos pífios, defenderem que a destruição de património cultural é algo de normal.

Não, não é normal.

Destruições, claro que houve sempre, sobretudo em turbamulta. E são sempre condenáveis, embora possam ser compreensíveis em contexto revolucionário. Mas mesmo nestes ambientes, e pelo menos desde a Revolução Francesa, também houve quem esclarecidamente se opusesse ao primarismo iconoclasta.

Seria bom que os tribalistas pusessem os olhos no que fizeram os verdadeiros combatentes anti-coloniais, quando conseguiram alcançar a independência dos seus países e puderam assentar os novos poderes: recolheram as estátuas coloniais em museus, em fortes, em parques. Hoje, algumas delas, foram de tal modo incorporadas no seu novo espaço e de tal modo “pacificadas” na percepção comum, que até servem como fundo para fotografias de casamento. Veja-se o caso da monumental estátua de Mouzinho, na Fortaleza de Maputo, por exemplo.

Obviamente que cada presente tem o direito de decidir como mobilar o espaço público. E, consequentemente, tem o direito de remover ícones do passado que já nada lhe digam ou até o ofendam. E é legítimo que o faça por duas vias: a da revolução social, porventura assistida pela força das armas, mas sobretudo, para ser autêntica (e não mero golpe de Estado), baseada na vontade colectiva das massas populares; ou pela via do funcionamento das instituições, em regime democrático. O quadro da legitimidade revolucionária, pela natureza libertadora explosiva que muitas vezes contem, é susceptível de excessos iconoclastas, como disse. E como disse também, devem ser condenados. Mas importa observar duas coisas: a primeira, a de que, como dizia Brecht, a verdadeira violência nessas situações é a das margens que longamente comprimiram o caudal do rio, podendo este ser irracionalmente devastador no primeiro momento da sua libertação; a segunda, a de que precisamente se trata de rios, não de meros esguichos tribais.

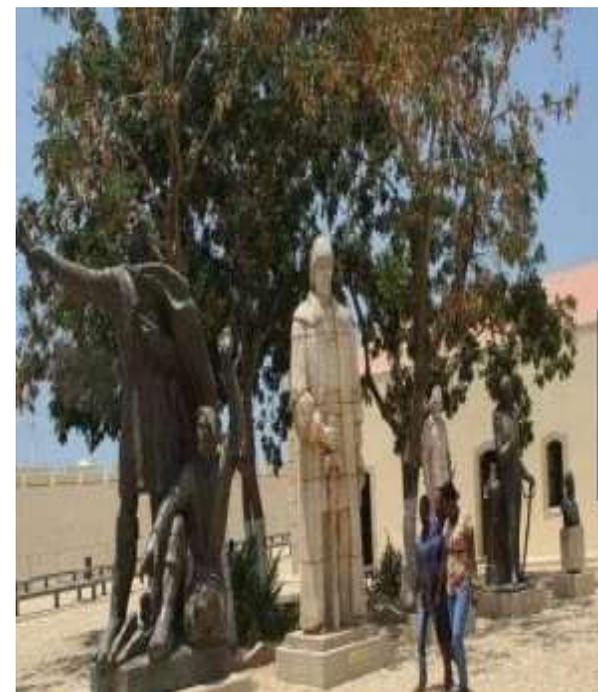
Fora destes quadros revolucionários extremos, em que os desmandos podem ser compreendidos (embora sempre condenados), nenhum presente tem o direito de destruir os objectos memoriais do passado. E, se como os tribalistas nos insistem em dizer (a nós que crescemos afirmando-o...), “as palavras contam”, então conta bastante quando alguns deles afirmam, por exemplo, que “o único destino que se pode dar às estátuas enxertadas da imaginação colonial lusotropical é o regresso à fundição”. Uma tal afirmação deve ser levada tão a sério como as dos nazis que, sem o praticarem eles mesmos, incitaram à queima dos livros na “noite dos cristais”, ou as dos salazaristas que clamavam pela destruição dos frescos do Almada na Gare Marítima de Alcântara.

Não se enganem, pois, os tribalistas, dentro das suas “bolhas”: nós, aqueles que defendemos a inviolabilidade dos objectos memoriais do passado, mormente aqueles que lutámos e lutamos pela revolução social, não nos mobilizamos por estátuas, com desconsideração das pessoas. Tudo ao contrário; é em nome das pessoas, as passadas, as presentes e as futuras, que defendemos as estátuas e outros objectos memoriais do passado. Os tribalistas, eles, é que se estão nas tintas para as pessoas – a não ser as das suas tribos.

\* Título de texto de opinião de Jonuel Gonçalves, combatente anti-colonialista (e por isso por certo, como o foram os movimentos libertadores, também anti-tribalista), que em Julho do ano passado se referiu no jornal Público à “guerra das estátuas” em Angola, desde as que do tempo colonial foram retiradas e recolhidas em museus ou fortes até à... de Agostinho Neto, que também se pretendeu mais recentemente ter idêntico destino, no quadro da oposição ao “regime do MPLA” e todo o seu cortejo de vícios, denunciados neste caso por alguém que no seu atribulado e contraditório percurso se ufana ter sido “o primeiro jornalista angolano a trabalhar como tal na Voz da América” (ver: <https://www.publico.pt/.../maka-estatuas-visao-angola...>)

Nas fotos abaixo, alguns exemplos de estátuas do tempo colonial, retiradas dos seus lugares iniciais: à entrada do Forte de S. Sebastião, na Cidade de S. Tomé (onde está situado o Museu Nacional); dentro da Fortaleza de S. Miguel, na Cidade de Luanda; e dentro da Fortaleza de Nossa Senhora da Conceição, na Cidade de Maputo. Ver ainda: o chamado parque das estátuas de Budapeste, criado nos anos de 1990 e reunindo estátuas monumentais do período soviético.

Tudo isto, a confrontar com o lançamento ao porto da estátua de Edward Colston, comerciante de escravos do séc. XVII e benfeitor da cidade de Bristol, estátua erguida no final do século XIX por subscrição pública e que os poderes municipais já planeavam remover. E a confrontar ainda com as pichagens vandálicas dos tribalistas sobre estátuas como as de Cristóvão Colombo, Voltaire ou Padre Vieira.



## A Sociedade Martins Sarmiento promove "Ordenações Manuelinas".A não perder!

A Sociedade Martins Sarmiento promove "Ordenações Manuelinas".A não perder!No ano em que passam os 500 anos da morte de D. Manuel I e da publicação do terceiro sistema das Ordenações, mandadas organizar por este monarca, a Sociedade Martins Sarmiento dedica a efeméride do Dia Mundial do Livro à edição de 1521 das Ordenações Manuelinas.

D. Manuel I, O Venturoso, nasceu em 1469, foi o 14.º rei português e reinou Portugal entre 1495 e 1521, sucedendo a seu primo e cunhado D. João II que morrera sem herdeiro legítimo.

Os 26 anos de reinado ficaram marcados por significativas transformações, quer no domínio interno, quer ultramarino. Ao nível da expansão ultramarina e do comércio, assistiu-se à descoberta do caminho marítimo para a Índia e à chegada à Terra de Vera Cruz, entre outros territórios; na cultura, procedeu-se à reforma dos Estudos Gerais e, na Corte, surge o pai do teatro português, Gil Vicente; na administração e na justiça, reformaram-se os antigos forais e foi realizada a compilação e revisão das leis do reino – Ordenações Manuelinas.

Inscritas na política de reformas administrativas e de sistematização legislativa do reino, as Ordenações Manuelinas, segundo os investigadores, tiveram uma primeira edição de 1512-1513 (reedição com correcções, em 1514); a segunda, posterior a 1516 e anterior a 1520 e outra em 1521 (esta, com várias edições e diferentes reimpressões, entre 1521 e 1603).

“Mandou [D. Manuel] per homens doctos do seu cõselho visitar, & rever hos çinco livros das ordenações, q elRei dõ Afonso quinto, seu tio, fez reformar, sendo regête ho Infante dõ Pedro seu tio, por elle ser de menor idade, nas quaes mãdou deminuir, & acreçentar aquillo q pareço neçessario pera bõ regimêto do regno, & ordẽ da justiça, no que se trabalhou muito, & tanto tẽpo q foi ha mór parte de todo ho q elle regnou.”

Damião de Góis, 1567.

Organizado em cinco livros, divididos em títulos e estes em parágrafos, o conteúdo das Ordenações Manuelinas reflecte o trabalho empreendido na compilação, num corpo único, das leis extravagantes existentes com as Ordenações Afonsinas, procurando-se desta forma garantir um melhor acesso e entendimento das normas vigentes e um também melhor exercício da justiça.

A reunião das leis/normas, apesar de manter a estrutura das Ordenações Afonsinas, implicou também reformulações. Algumas leis foram suprimidas, por exemplo as relativas aos judeus, face à sua “conversão” ou expulsão do Reino, ou as relativas à Fazenda Real que, na edição de 1521, passaram a existir autonomamente nas Ordenações da Fazenda.

Na Biblioteca da Sociedade Martins Sarmiento existem alguns exemplares das Ordenações Manuelinas. Pelo Conde de Vila Pouca, Rodrigo de Sousa e Silva Alcoforado (1831-1883), foi doado à Sociedade Martins Sarmiento, um exemplar da edição de 1521, tida como a mais completa e actualizada versão das Ordenações, organizadas no reinado de D. Manuel I.

As Ordenações Manuelinas são uma importante fonte documental para o estudo e compreensão da organização da sociedade portuguesa do século XVI.

Nos "Passos Perdidos" da SMS, está patente uma exposição bibliográfica e documental sobre as Ordenações Manuelinas e D. Manuel I.

No âmbito da comemoração do Dia Mundial do Livro, a Sociedade Martins Sarmiento disponibiliza todas as suas edições com um desconto de 10% sobre o preço de capa. Esta campanha mantém-se até ao final do mês de Maio.

Pode consultar o catálogo em [www.msarmiento.org](http://www.msarmiento.org).





 **grupo isidoro**  
GRUPO ISIDORO

REINVENTAMOS O PRESENTE, CONSTRUIMOS O FUTURO



**globalsoft-cbsc**  
Cloud Business and Software Consulting



TAKE AWAY  
GRUPO VILA MARITA



**coolis**  
Damos *energia* ao seu *negócio!*



## DESDE GUIMARÃES COM MÚLTIPLOS SETORES, PRESENTES EM VÁRIOS PAÍSES



Construção e conservação de obras rodoviárias e aeroportuárias



Obras marítimas, proteção costeira e marinas



Sinalização e segurança rodoviária



Requalificações urbanas e infraestruturas integradas



Habitação e Construção Civil



Infraestruturas elétricas e soluções de energia



Infraestruturas hidráulicas, águas e saneamento



Centros logísticos e empresariais



Complexos desportivos e soluções urbanas



Agropecuária e agricultura



Ambiente - Resíduos

Rua João Oliveira Salgado, nº 385,  
4810-015 Costa - Guimarães  
[www.mca-group.com](http://www.mca-group.com)

**O Grupo Correio de Guimarães passou a comercializar a revista Diplomática e a Eles e Elas. Faça já a sua encomenda!**

[www.facebook.com/correiodeguimararaes.com](http://www.facebook.com/correiodeguimararaes.com)

**Participe no nosso jornal:**

Escreva-nos uma sugestão, um texto e/ou uma opinião e envie-nos para o endereço:

[correiodeguimaraes@gmail.com](mailto:correiodeguimaraes@gmail.com)

Proprietário Paulo Freitas do Amaral  
Dep. Legal 454380/19  
Diretor Paulo Freitas do Amaral  
Impressão: Avegráfica



**ELES & ELAS**

